

autor, *Descrição das moedas*, est. VI e p. 185, nem em catalogos modernos que consultei (de Judice dos Santos, t. I, p. 11; de J. Meili, t. I, p. 8; de Cyro de Carvalho, p. 4; de Araujo Ramos, p. 4; de Freitas da Silva & Calmon Vianna, p. 3: todos eles da casa de Schulman).

As moedas cunhadas por D. Fernando fóra de Portugal deviam ser em deminuta quantidade; por isso não espanta que as representadas pelo meu exemplar se tornassem raras.

J. L. DE V.

Coisas Velhas

As noticias que vão ler-se são extraídas das minhas carteiras, pastas e cadernos, e constituem, como outras já por mim trazidas a lume, fruto de leituras, de estudos, de excursões, e de excavações. Coligi-as em grande parte com o intuito de as integrar em artigos de certa extensão, ou em livros: como porém incomodos de saude, e occupações inadiaveis não permitem que realizemos sempre todos os nossos projectos, elas jazem ainda inaproveitadas; e por isso vou aqui publicá-las sôltas, à proporção que as fôr relendo. Assim deixarão de ficar indefinidamente esquécidas, e poderão acaso servir de utilidade a algum leitor. — Uma vez ou outra anota-las-hei.

1. — Marco de propriedade

Num marco de pedra, antigo, que vi em 1890 no Alandroal, lê-se a inscrição que transcrevo aqui ao lado (fig. 1), e que quer dizer «Gançoso», nome de familia. — Os marcos divisorios de terrenos tem nalgumas localidades o nome de *malhões*, por exemplo na Beira-Baixa. — Se o alandroalense é simpli-cissimo, embora feita com apuro a letra, com um ponto triangular como o das inscrições romanas da boa epoca epigrafica, ha-os tambem com emblemas.

Separar o que é meu do que é teu, foi em todos os tempos cuidado egoistico dos homens. Não vás tu apanhar-me um palmo de terra! Da necessidade de se medirem os campos do Nilo depois da confusão lançada neles pelas inundações do grande e divino rio provém, dizem, a sciencia da *Geometria*, palavra formada dos temas de γῆ «terra» e μετρώ «meço». Os Gregos limitavam as propriedades com ἔρμαι, marcos ou pilares encimados de uma cabeça humana: vid. *Dict. des antiq.* de Daremberg & Saglio, III, 131. Na epoca romana ha colunas



Fig. 1 — Marco de propriedade

semelhantes: deuses terminais, propriamente romanos, que tomaram a fôrma dos pilares gregos: *ibid.*, pp. 133-134. Originariamente o *Terminus*, ou pedra divisória, era um deus-feitiço, e tinha culto como tal: Wissowa, *Relig. und Kultus der Römer*, 2.^a ed., p. 136. A respeito dos marcos medievais das «villas», chamados nos documentos *petrae fictae*, *petrae scriptae ubi dicat «terminum»*, *petrae signatae* (com sinais ou letras), etc., vid. A. Sampaio *As «villas»*, p. 32 sgs.

2.—Castelo do Alandroal

No castelo do Alandroal ha uma pedra com esculturas espiraliformes representadas na fig. 2.

3.—Cabeceiras de sepulturas

Num trabalho publicado em 1894 falei de «uma curiosa classe de cabeceiras de sepultura em que estão esculpidas varios symbolos, como o signo-saimão, instrumentos de trabalho, fôrmas de calçado, etc.», e acrescentei: «tenho visto d'estas cabeceiras, por exemplo em Thomar, no Alândroal, etc., etc.»¹. Numa das minhas carteiras (n.º XXVII), em que tomei notas de cousas observadas no Alandroal em Março e Abril de 1890, encontro alguns desenhos de cabeceiras de sepulturas do *cemiterio velho* d'aquela vila, as quais correspondem em parte aos symbolos de que falo acima: vid. figs. 3, 4, 5 e 6:



Fig. 2—Do castelo do Alandroal



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

Cabeceiras de sepulturas

as duas primeiras (estrela ou sino-saimão & cruz) occupam respectivamente as duas faces de uma só cabeceira; a fig. 5 (cruz) está repetida nas duas faces de outra; a fig. 6 (fôrma de calçado & tesoura) occupa

¹ Vid. *Hist. do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 66. Na mesma *Historia*, p. 213, me refiro a algumas cabeceiras existentes nesse Museu. Tenho visto pedras analogas noutros museus, por exemplo, nos de Elvas e de Santarem.

o anverso de uma cabeceira que tem no reverso uma cruz pequena, invertida. Claro está que esta última cabeceira era da sepultura de um çapateiro.

O costume de representar em sepulturas simbolos ou emblemas da occupação que tiveram os que jazem nelas, ascende a epochas muito remotas: no nosso territorio já ele, pelo menos, se observa na idade do bronze, pois em tampas sepulcrais d'essa idade apparecem esculpidas armas de guerreiros: vid. *O Arch. Port.*, XI 180 sgs., XIII 300 sgs. Num sarcophago egipcio figuraram-se «servants of a high official bearing offerings to the tomb»¹. É porém da epocha classica, pelo que respeita à antiguidade, que os exemplos mais abundam, embora não entre nós. Que não nos diz a este respeito a sepulcrologia grega e etrusca? Ora vemos numa estela da Atica uma mulher que tem na mão um fuso de fiar (e devia amparar com a esquerda uma roca, pintada na pedra)²; ora numa urna de Volterra um cortejo funebre onde figura um juiz acompanhado de seus assessores e litores, precedido de quatro escravos³. Da epocha romana achamos, por exemplo, a representação de um ferrador, com bigorna, tenaz e cabo de martelo, numa lapide funeraria do Museu de Tréveros (Alemanha)⁴; a de um fabricante de leques, com um leque na mão esquerda, numa lapide do Museu de Saint-Germain⁵; a de um *sutor caligarius* ou «çapateiro de cãligas», numa lapide do Museu de Milão⁶. Este ultimo monumento é um tanto parecido ao da fig. 6 do Alandroal! Diz Laisnel de La Salle «qu'au moyen âge on a figuré dans certaines régions de la France, des règles, des équerres, des compas, sur les pierres qui recouvraient la cendre de quelques architectes religieux»⁷. Uma igreja antiga perto de La Châtre, continúa o mesmo autor, «offre . . . de nombreux spécimens de ces hiéroglyphes symboliques: entre autres empreintes, on remarque sur les dalles de calcaire très dur, qui forment le pavé de

¹ *Guide to the Egyptian collections in the British Museum*, Londres 1909, p. 175.

² No Museu de Berlim: vid. *Beschreibung der antiken Skulpturen*, Berlim 1891, § 737.—Vem outros exemplos na *Revue des études anciennes*, v, 120 (arco e flechas de caçador).

³ Martha, *L'art étrusque*, Paris 1889, p. 357, fig. 244.

⁴ *Die römischen Steindenkmäler des Provinzialmuseums zu Trier*, por Hettner, Tréveros 1893, p. 81.

⁵ *Guide illustré*, por Salomon Reinach, Paris s. d., p. 92.

⁶ *Marmi scritti del Museo*, Milão 1901, n.º 119.

⁷ *Croyances et légendes du centre de la France*, t. II, p. 87 (apud Moïse Schuhl, *Superstitions et coutumes populaires du judaïsme*, Paris, Blum, 1882, p. 15).

son aire, plusieurs socs de charrue indiquant des tombeaux de laboureurs; vers 1832, on découvrit non loin de la chapelle romane de Cosnay une tombe qui portait la figure d'une navette et qui révélait ainsi la dernière demeure d'un tisserand; sur une autre dalle, un long bâton, renflé par le haut bout, marquait l'étape suprême où, après de lointains et nombreux voyages, un pèlerin avait fini par *planter le bourdon*»¹. Nas nossas catedrais e igrejas antigas tambem não faltam sarcofagos em cuja parte superior se esculpiram imagens de bispos barbados e mitrados, e de baculo na mão; scenas de caça; figuras de guerreiros, etc. — É á idade-media, ou aos fins d'ela, que pertencem certamente as cabeceiras sepulcrais de que comecei por falar: vid. G. Pereira in *Revista Archeologica*, I, 130-131, e sobretudo F. Alves Pereira in *O Arch. Port.*, XIX, 334, 344, est. v, figs. 30-31, e VI, fig. 35.

Ainda agora, «en entrant dans un cimetière israélite, on aperçoit certaines tombes sur lesquelles est gravé un des sujets suivants: deux mains, une cruche, une trompette, un couteau. Ce sont les emblèmes des pieuses fonctions qu'avaient remplies les personnes qui reposent sous ces tombes»². No cemiterio dos Armenios, em Constantinopla, «on voit gravé sur chaque tombe l'emblème de la profession de celui qui l'occupe: des ciseaux pour le tailleur, un rasoir pour le barbier, des tenailles pour le forgeron. C'est un usage grec»³.

Se umas vezes se pôde estabelecer filiação historica de certos costumes entre si, outras vezes a semelhança que se nota neles provém de que o homem é o mesmo por toda a parte.

4.—Pedras de raio

Encontrei algumas em 1891 nos concelhos de Mafra e Ericeira, por onde andei com o meu antigo condiscipulo Carlos Galvão, que já uns dez anos antes me tinha oferecido uma, que vai representada na fig. 7 (mede de altura 0^m,071). Nas figs. 8, 9 e 10 represento pedras obtidas em 1891: a primeira mede de altura 0^m,111; a segunda 0^m,106; a terceira 0^m,124. O instrumento representado na fig. 9 serviu de brunidor; ambos os topos bruniram. A pedra representada

¹ *Croyances et légendes du centre de la France*, t. II, p. 87 (apud Schuhl, *Superstitions et coutumes populaires du judaïsme*, Paris, Blum, 1882, p. 15).

² Schuhl, *Superstitions et coutumes du judaïsme* (já cit.), p. 14.

³ J. J. Ampère, *La Grèce, Rome et Dante*, p. 79 (cit. por Schuhl, *loc. laud.*, p. 15).

na fig. 10 e 10-A appareceu ao pé do Moinho do Sobral d'Abelheira (Mafra), e é muito curiosa, e não conheço, ou pelo menos não me



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

Pedras de raio, de Mafra

ocorre agora, outra na nossa Arqueologia: na parte central da base ou face plana, tem um começo de furo; se o furo fosse maior, isto é, se estivesse terminado, serviria para nele se introduzir um cabo, e a pedra tomaria, assim encabada, o aspecto de um martelo duplo (ambos os topos estão esmurrados; a estarem aguçados, o instrumento seria um pico). Na Prehistoria de outros países ha *hachessmarteaux*, *doubles haches* d'este genero: vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 516 sgs. É digno de nota que G. & A. de Mortillet, *Musée Pré-historique*, 2.^a ed., fig. 618, desenham um instrumento semelhante, tambem com o furo por acabar. Tanto neste, como no de Mafra, o furo é conico. Dussaud fala de alguns machados perfurados de Troia, Chipre e Grecia: *Les civilisations préhelléniques*, 2.^a ed., pp. 219 e 223.



Fig. 10



Fig. 10-A

Acêrca da abundancia com que as «pedras de raio» ou instrumentos neolíticos apparecem nos campos, vid. o que escrevi nO *Archeologo*, XVIII, 206.

5. — Sepulturas abertas em rocha

Numa quinta ao pé de Mangualde, pertencente ao S.^{or} José de Albuquerque, vi em Setembro de 1892 uma sepultura aberta em rocha com estas dimensões: 1^m,78; 0^m,56; 0^m,30. O comprimento no fundo era de 1^m,62. A profundidade não a medi. — No terreno adjacente aparece telha de rebordo, e encontraram-se dois fustes de coluna toscana.

6. — Torre do Castelo

Ao pé de Senhorim, concelho de Nelas, na margem do Rio Santo, ha um sitio denominado o *Castelo*, onde entre campos avulta um outeiro que se chama a *Torre* (propriamente *Torre do Castelo*), escarpado ao Norte, ao Nascente e ao Poente, e continuado ao Sul insensivelmente pelos campos. Em frente, do lado do Norte, fica-lhe uma montanha, tambem escarpada, e separada d'ele pelo rio, ou antes *riacho*. Este outeiro foi um castro, como se deduz do nome e da posição, e sobretudo dos alicerces de muralhas que lhe restam ao Norte, alicerces bem feitos, com pedras lisas, assentes horizontalmente umas nas outras. Estive lá em 13 de Setembro de 1892 com o D.^{or} Alberto Osorio de Castro, e o S.^{or} Bernardo Antonio Rodrigues do Amaral, Morgado de Outeiro, que foi quem o descobriu. No chão encontrámos varios fragmentos de loiça antiga.

No rio, junto do castro, ha o *Poço do Pégo*, onde, segundo a lenda, appareceu uma grade de ouro. Um homem que a viu «botou-lhe o sacho para a apanhar, quando ouviu uma voz lá de dentro dizer-lhe: *Largas ou vens?*». O homem, aterrorizado, largou logo o sacho. — Contou-me isto um velho, o qual acrescentou que tambem uma vez appareçêram por ali umas «*cuínhas de ouro*», talvez machados chatos de cobre.

Ao pé do Poço do Pégo fica a Lage d'Ôrigo (= *Ourigo*) onde está um «haver», isto é, um tesouro encantado. D'aí o dizer-se (roteiro tradicional):

Antr'a a Tôrre e a Laija d'Origues¹
Stão cem cargas d'oiro fino.

7. — Penedo da Moira

Fica entre Senhorim e Outeiro. Nada porém tem notavel senão o nome. É granítico, e enorme. Estive lá na mesma occasião. Nem sempre certos nomes mitologicos correspondem á existencia de monu-

¹ Neste ditado ouvi pronunciar *Origues*, em vez de *Ôrigo*, como a rima pedia melhor.

mentos ou objectos arcaicos: o povo adopta-os em virtude de lendas ou superstições; todavia, se o notá-los póde não ter importancia propriamente archeologica, tem-na ethnografica, e por isso notei este, que me appareceu no meu caminho.

8.—Cova da Moira

É o nome de uma sepultura aberta em rocha, que mede de comprimento: 1^m,88, e tem ao lado esquerdo uma cruz d'este feitio: ✕, e ao lado direito um R; mas isto deve ser marcação moderna.—Fica perto de Outeiro de Espinho (Mangualde). Estive lá tambem em Setembro de 1892.

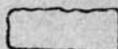
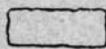
9.—Varias antigualhas dos concelhos de Mangualde, Nelas e Senhorim

Em 1892, em que andei por estes sitios, consignei o seguinte numa carteira:

Nos campos baixos da Torre, lugar ao pé das Chãs de Tavares, dizem-me que apparecem muitos restos ceramicos antigos, e conta a tradição que «existiu lá uma cidade».



Fig. 11 — Pombus de barro



Figs. 12 e 13



Fig. 14



Figs. 15-a a 15-f

Ao pé de Santar apparecem restos ceramicos antigos, e moedas imperiaes romanas.

Na Malhadeira, sitio ao pé de Santar, appareceu um machado de pedra polida, partido em dois,—como vi.

Na Quinta de Casal-Bom, ao pé de Santar, informaram-me que appareceram enterrados varios pucaros antigos, e que se acham por lá telhas de rebôrdo.

No Outeirinho, ao pé de Santar, appareceram dois pesos de barro romanos, telhas de rebôrdo, e escumalhas de ferro,—o que tudo vi. A meia-legoa ha sepulturas abertas em rocha.

Na Rua da Carreira, em Santar, apareceram moedas de Constantino, e havia lá um cano antigo de tijolo.

No sitio da Laginha, ao pé de Vila-Nova, freguesia de Espinho (Mangualde), achei telhas de rebôrdo e um pêso de barro como os romanos: fig. 11 (altura 0^m,112). Em algumas lages ha excavações rectangulares, semelhantes a sepulturas; vi duas contiguas na posição que se indica nas figs. 12 e 13: uma tinha de comprido 2^m,49; a outra estava incompleta, embora devesse ter sido de igual tamanho. Provavelmente não eram sepulturas. O sitio abunda de lages grandes. Numa d'elas ha uma abertura assim, feita com pico: fig. 14: comprimento 0^m,30; largura 0^m,20; fundura 0^m,04. — Noutras lages, no meio do caminho ou dentro de um campo vizinho: fig. 15-a, 15-b, 15-c, e 15-d: (a) fundura 0^m,19; diametro 0^m,22; (b) fundura 0^m,20; diametro 0^m,23; (c) fundura 0^m,055; diametro 0^m,19; (d) fundura 0^m,075; diametro 0^m,27, e tem um sulco na posição indicada. Ha ainda outras duas, proximas d'esta, com dimensões pouco diferentes, só uma cova é menor, fig. 15-e e 15-f. — Estas seis covas redondas estão muito proximas umas das outras. Da 1.^a á ultima ha uns 14 passos. Não seguem linha recta.

10. — Capela da Senhora do Castelo (Mangualde)

A Éste de Mangualde fica um monte pedregoso chamado o *Castelo*, onde está uma capela que tem a invocação da «Senhora do Castelo». Á Senhora fazem-se grandiosas festas em 8 de Setembro e 25 de Março de cada ano. Assisti á primeira, em 1892: teve de vespera fogo prêso e d'ar, arraial, e musica¹. Vendiam-se, como noutras festividades da Beira, uns bolos de fôrma humana, chamados genericamente *bonecras*, e que eram muito procurados².

O monte foi um castro, como o da Senhora do Bom Sucesso (vide § 13): aí, em excavações, appareceu loiça velha analoga á d'este; e apareceram muitas moedas romanas da epoca do imperio. No alto do monte, por detrás da capela, nota-se uma construção mais ou menos quadrangular, de paredes formadas por pedras lisas, bem assentes: o espaço interior está atulhado por terra, pedregulho, e fragmentos ceramicos como os de que falei acima. Diz a tradição que era um «castelo», e efectivamente parece ser isso vestigio de uma

¹ A romaria da Senhora do Castelo foi romantizada pela illustre escritora D. Ana de Castro Osorio nas *Ambições*, Lisboa 1903, cap. ix e x.

² Cf. *O Arch. Port.*, xix, 395-396, e nota, onde me refiro a outros bolos da mesma especie.

torre. Uma das pedras tem duas esculturas¹.—O monte, pelo NE. e N. é bastante abrupto, formado de lagedos escorregadios e penedos avulsos, que o tornavam inexpugnável; ao NE., na base, passa-lhe o rio do Lodal.—Ao S. está a *fonte da Senhora* (cisterna). A Senhora appareceu num penedo aí perto: lenda comum a outros santuarios. Do mesmo lado e do Poente ha, em baixo, um terreno chamado *Val do Moiro*, e ha o *Val das Campas*, com sepulturas abertas em rocha. Na mesma direcção fica a *Raposeira*, estação romana, onde o D.^{or} Alberto Osorio, fazendo excavações, encontrou ceramica e moedas². Entre os objectos ceramicos havia um que se representa na fig. 16 (0^m,105 × 0^m,092 × 0^m,10), onde se vê uma flor aberta, com sua haste e folhas, acompanhada de outra haste com tres botões e uma folha; o desenho era (por ventura com outros que faltam) enquadrado numa moldura, ou friso, de que resta parte. Que seria este objecto? Face ou tampa de caixa? Especie de *antefixa*? O desenho foi feito numa fôrma, como as que hoje se empregam nas olarias para decorações. Este objecto pertence-me, e depositei-o no Museu Etnologico.—A par havia fragmentos de tegulas.



Fig. 16—Da Raposeira

11.—Moita (Mangualde)

No sitio da Moita, dentro da quinta do Paulo, próximo de Avinhó, freguesia de S. João da Fresta (Mangualde), appareceram, ao que lá me disseram em Setembro de 1892, «umas cousas de metal, a modo de *iscôparo* e de formão, etc.». Seriam objectos da idade do bronze? O povo por *metal* entende sempre, e unicamente, cobre, bronze e latão. Tambem me disseram que aí tinham apparecido sepulturas, formadas de lages grossas; dentro havia ossos.

12.—Antas

Ao pé das Antas, na mesma região de que falei no parágrafo antecedente, ha um penedo granítico, de um metro e tanto de alto, que

¹ Perdi a indicação, mas uma d'elas parece representava um *phallus*.

² D'esta estação vem uma noticia no jornal mangualdense chamado *O Novo Tempo*, 1890, n.^{os} 46 a 48 e 51.

tem na superfície superior varias «covichas», segundo o esboço que dou na fig. 17.

13.—Senhora do Bom Sucesso (castro)

É um castro, não longe das Chãs de Tavares: apresenta o aspecto da fig. 18 a quem vai na estrada. Ha aí umas oitenta a cem casas rectangulares, que formam ruas; medição de duas casas: $3^m,47 \times 2^m,99$; $5^m,03 \times 2^m,74$. Algumas estão contiguas. Largura da parede de duas casas contiguas: $0^m,79$. Á superfície do castro encontra-se telha de

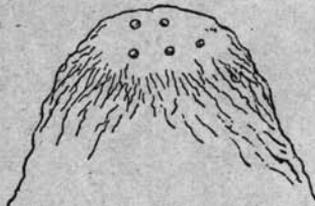


Fig. 17 — Penedo com covinhas



Fig. 18 — Nossa Senhora do Bom Sucesso



Fig. 19 — Fragmento cerâmico



Fig. 20 — Tijolo triangular

rebôrdo, pedras esfericas (de fundas?), e seixos rolados. Aí achei, excavando, um fragmento de vaso com ornatos, o qual vai desenhado, em tamanho menor, na fig. 19. — Pelas faldas do monte encontra-se tambem telha de rebôrdo, de que vi fragmentos (Setembro de 1892). — Na excursão acompanhou-me o S.^{or} D.^r João Bâtista de Castro.

14.—Castelos-Velhos

Em Setembro de 1892 visitei perto da Guarda, a um quarto de hora de caminho (a pé) da cidade, um castro, denominado *Castelos-Velhos*. É um monte, que tem de um lado um fosso, e vestigios de muralhas.

Nas faldas, junto da capela de Mileu, aparecem muitos fragmentos de telhas de rebôrdo e de telhas curvas, de cimento de assentar mosaico, etc. Achei aí um *later* triangular, ou sub-triangular, de $0^m,101$ de altura (fig. 20).

N. B. Por aqui pela Beira tenho ouvido dizer *castelos*, em vez de *castelo*, por exemplo, «*castelos de Celorico*» (tem-se de certo em mente as torres). Os castelos de que falei acima receberam o epíteto de *Velhos*, talvez por causa do castelo da Guarda, que é relativamente moderno.

15.—Abas da Serra da Estrela

Nas proximidades da Serra da Estrela apareceram dois denários da Republica Romana, sendo um de *Pansa* (familia *Vibia*). Colhi esta noticia em Setembro de 1892.

Em Tintinholho apareceram varios bronzes-minimos imperiais romanos. Colhi esta noticia na mesma data.

16.—Monte de Roques (Môjães)

No monte de Roques, frèguesia de Môjães, concelho de Viana do Castelo, appareceu, ao que me disseram (1892), uma chapa metalica que tinha relevos e um orificio de suspensão.

17.—Sepulturas prehistoricas das Neves (Môjães)

Nas proximidades do povo das Neves, frèguesia de Môjães, concelho de Viana do Castelo, apareceram tres sepulturas prehistoricas, dos tipos que Martins Sarmiento chamava «*antelas*», as quais distavam



Fig. 21 — Machado



Fig. 22 — Seta



Fig. 23 — Machado

umas das outras 50 a 100 metros. O S.^{or} Nunes da Palma, com quem falei na Guarda (na mesma occasião em que colhi as noticias precedentes), explorou cinco:

a) Na 1.^a encontrou um machado de pedra polida, de 0^m,141 de

comprido, com gume nitido, a extremidade oposta ao gume estreita, mas quebrada, levemente bombeado, e de secção sub-rectangular. Esta sepultura tinha dentro cinzas, e tres pedras a pino, umas atrás das outras.

b) Na 2.^a sepultura encontrou tres pontas de seta, de silex: uma d'elas que vi, e unica que restava ao S.^{or} Palma, de base pedunculada, já não tinha ponta, e media de comprimento uns 0^m,06. Nesta sepultura, que já antes havia sido explorada, appareceram tambem alguns grãos de carvão.

c) Na 3.^a que já tinha sido explorada, não encontrou objectos, mas havia no chão uma concavidade que parece correspondia a um local onde estivera um cranio (ou um vaso?).

d-e). Na 4.^a e 5.^a sepulturas appareceram muitos carvões.

Anos depois da minha estada na Guarda o S.^{or} Nunes da Palma teve a amabilidade de me enviar para o Museu Etnologico o machado e a seta: figs. 21-22. Tambem me enviou outro machado do Minho, fig. 23, que não sei ao certo se appareceu nestas sepulturas, se noutras. Do primeiro machado já acima indiquei o comprimento; o segundo mede 0^m,116; a seta mede 0^m,065.

18.—Barcelos

Disseram-me que ao pé de Barcelos, á direita da estrada que d'esta vila vai para Viana, appareçêra um circuito de pedras a pino, de uns 0^m,60 de alto, o qual tinha de diametro uns 50 metros. Tal circuito fica perto de um marco geodesico, e de uma anta. *Cromlech?*

19.—Sabuga (Sintra)

Na Quinta Velha, e em Penalva, no concelho de Sintra obtive em 1892 varios machados de pedra polida, que depois da fundação do Museu Etnologico depositei nele.

Na saibreira da Sabuga acharam-se na mesma data varios machados de pedra polida, e restos de loiça velha. Tambem appareceram *fúrniás* bojudas, abertas no chão, de altura de mais de um homem, e de mais de 1^m,5 de diametro, tapadas com mós de moinhos grandes, que eram furadas ao centro.—Esta descripção corresponde à de silos. Todavia dentro das *fúrniás* ou furnas appareceram machados de pedra (obtive um, e parte de outro), cacos, ossadas «muito gastas», e dentes. Na fig. 24 dou o aspecto de uma das *fúrniás*.

Nas figs. 25 a 28 represento alguns dos machados que obtive: comprimento, respectivamente: 0^m,09; 0^m,077; 0^m,084; 0^m,072. Os tres primeiros estão gastos nos dois topos (vestigio de trabalho).

20.—Grutas de S. Antonio de Minde

Em 1892 informaram-me de que na Serra de S. Antonio, proximo de Minde, havia muitas grutas (mais de seis), com estalactites

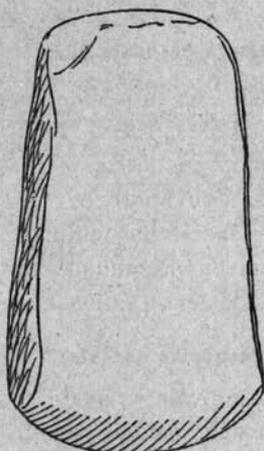


Fig. 25 — Da Sabuga

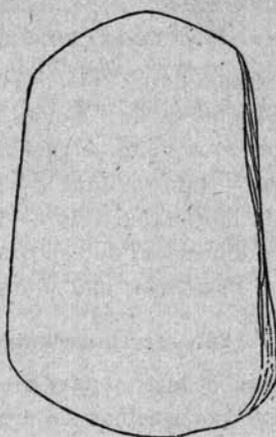


Fig. 26 — Da Sabuga

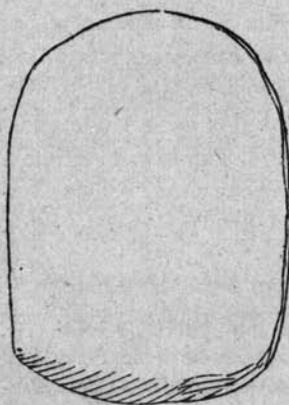


Fig. 27 — Da Sabuga



Fig. 24 — Silo (?) da Sabuga

Fig. 28
Da Sabuga

e estalagmites muito extensas, que brilhavam fantasticamente quando lá se entrava com luz. As grutas são, por exemplo: Lapa da Ovelha, Lapa dos Esteiros...

Grutas prehistoricas?

21.—Grutas do Chão de Maças

Em Chão de Maças ha, ao que me dizem, tambem, grutas como as de cima.

22.—Moedas romanas de S. Gregorio de Obidos

Na povoação de S. Gregorio, concelho de Obidos, appareceram por 1893 varias moedas romanas, que o Rev.^{do} P.^o Antonio d'Almeida me ofereceu.

23.—Moedas ibericas de Mértola e Ponte de Sor

Nas Minas de S. Domingos (concelho de Mertola) appareceram moedas hispanicas de Emerita, Carmo, Gades, Iippo, Obulco, Segobriga, Caesaraugusta,—que vi no monetario de um coleccionador portuguez.—Num quintal de Ponte de Sor appareceu uma moeda de legenda iberica em 1893.—Cito estes factos porque provam, com outros já conhecidos, que as moedas chamadas autonomas circulavam por toda a Peninsula, não só nas localidades em que foram cunhadas.

24.—Igreja de Entre-Agoas¹ (concelho de Avis)

A igreja é de tres naves, com arcos ogivais; a porta com aldravas antigas, e espelhos de cruz, como vulgarmente se observa no Sul. Não tem torre, mas dois campanarios, e alpendre amplo, com arcos de volta redonda. A pia de agoa-benta é de marmore, e tem uma escultura que representa duas caras; vêem-se na mesma pia as quinas riais entre dois castelos (as quinas não apresentam ainda a modificação que D. João II introduziu na disposição d'elas).

Na sacristia ha curiosos ex-votos com retabulos de um dos quais dei já noticia especial na *Rev. Lusitana*, IV, 226². Tambem lá existem muitas moletas novas: quem é coxo, vai lá buscar uma, e deixa outra. E existem ao mesmo tempo fitas (medidas) e figuras de cera.

¹ Notas tomadas em 18 de Agosto de 1893, em que estive no local (cfr. *O Arch. Port.*, I, 224.—A designação de «Entre Agoas» provém de ficar o sitio da igreja entre a ribeira de Sêda e a da Sarrazola, afluente d'aquella.—Copio o seguinte da minha carteira: «A igreja fica num altinho, com largo horizonte, avistando-se ao longe a vila (extinta) de Benavila, que alveja entre *olvêras* e *sobrêras*. Benavila, como em geral todas as povoações alentejanas, é muito limpa e caiada; as casas são baixas, ao rés-do-chão, e tem na sala de entrada a cozinha com o *frade* no lar, e com a cantareira provida de pratos empinados. As ruas são porém mal empedradas, de basalto e seixos rolados, o que dá mau trilha».

² Publiquei aí o texto. Figura-se nele uma cama de cortinas, na qual jaz deitado um doente. Ao pé, a familia, composta de cinco pessoas, ergue as mãos ajoelhada diante da Senhora d'Entre Agoas, que apparece no ar, pousada num globo estrelado, e com o menino ao colo.—São cousas muito vulgares nos nossos santuarios rusticos.

Veú de calix:

Na mesma sacristia vi um veú de calix, que representa tres paginas impressas de umas *Physicæ Conclusiones*, defendidas no *Real Colegio Conimbricense das artes* por Mathias Coelho Vidigal, que tomou para sua patrona a Virgem Maria «sub jucundissimo titulo ab Entre as Agoas». A tese é: *utrum Beatissima Virgo sit creatura omnium maxima*. O presidente do exame foi Ignacio Borges, da Sociedade de Jesus.—O impresso é cópia de livro: consta de dedicatória e mais duas páginas com cinco conclusões. O livro devia ser maior, pois no fim da última página ha o reclamo: CON-. Provavelmente o candidato era d'aqui, e fez á igreja esta graciosa oferta.—Tenho visto pelo país varios veús de calix do mesmo genero, dos secs. XVII e XVIII; e no Museu Etnologico recolhi tambem alguns.

25.—Marco de propriedade

Numa excursão que fiz no concelho de Avis em Agosto de 1893 vi num marco de pedra uma cruz (d'Avis) que designava propriedade da poderosa Ordem: fig. 29.

26.—Antas em Alemquer?

Em Setembro de 1893 informaram-me no Cadaval que no sitio dos Malhães e da Vila-Velha, ao pé de Cabanas de Torres, concelho de Alenquer, ha algumas antas. Pelo menos pareceu-me isso pela descrição que me fizeram. Aparecem por aí «pedras de raio».

27.—Convento da Serra da Neve

Estando a fazer excavações archeologicas em Pragança, em Setembro de 1893, dei um passeio ao convento da Serra da Neve, cujas ruinas jazem no alto. Ao pé ha uma igreja da Senhora das Neves, onde se observam alguns paineis com milagres: num, de 1787, lê-se: «Milagre que fez a S. das Neves a Maria Joaquina estando tizica *confrimada*», e já *de-ziganada* (desenganada) dos medicos que não escapava. Mais no alto ergue-se a capela de S. João. Junto tinham começado a construir outro convento, que não acabaram.



Fig. 29
Cruz
de Avis

Do cimo goza-se surpreendente panorama, que de mais a mais aparece de subito para o lado de lá a quem vai de Pragança: uma infinidade de povoações estendidas por vales e planicies a branquejarem em meio de grés vermelho e separadas ás vezes por manchas verdes constituídas por pinheiraes.

28.—Antigualhas do Cadaval

Na mesma ocasião em que estive em Pragança percorri os arredores, e colhi informações arqueologicas de outras localidades vizinhas:

A mais de um tiro de bala, para as bandas do Nascente, no Pereiro (Cadaval), ha a *Casola dos Moiros* (perto da Senhora das Neves)¹. Talvez tenha de velho só o nome.

Na Fontinha, tambem ao pé do Pereiro, junto dos moinhos da Serra, em cima, ha paredes velhas, e aparecem por lá muitos cacos.

Perto da Senhora das Neves, para o lado de Cabanas de Torres, ha fornos de cal «do tempo dos Moiros».

Na Relva das Môças, perto da Casola dos Moiros, appareceram «dinheiros antigos».

Em Alguber um canteiro, chamado José dos Santos, achou tambem «dinheiros antigos». Ao pé da *casa nova* d'este canteiro, na borda da estrada, appareceram tijolos grossos.—Estes tijolos podem ser romanos.—Acerca das antigualhas romanas achadas na quinta do Cidral, que fica na mesma frèguesia, vid. *O Arch. Port.*, II, 246.

29.—Grutas de Rio Maior

A região é abundante de grutas. Quando estive em Pragança em 1893 ouvi contar que na *Buraca da Moira*, que fica por cima das Bôcas, ha riquezas encantadas. A Moira dava bólas aos rapazes, e pedia-lhes em troca bilhas de leite². As bólas eram de oiro. Um moleiro achou ali uma vez um jogo de bóla «todo d'oiro».—Em Agosto de 1914, estando no Peral (Cadaval), tive ensejo de ir a Rio Maior; a estrada, tres kilometros antes de se chegar á vila, atravessa a Serra das Bôcas do Jogadoiro, e é ladeada á direita e á esquerda por grutas e fendas. Uma das grutas chama-se Cova da Moira. Perguntando eu a um cantoneiro d'onde provinha o nome de *Bôcas do Jogadoiro*, ele respondeu-me que se dizia «Bôcas» por causa dos buracos que ali ha, por onde passa a agoa de inverno, que fórma o *Rio das Bôcas*; e que se dizia «Jogadoiro» porque as Moiras tinham ali

¹ Acerca do que são *casolas* vid. *Historia do Museu Etnologico*, p. 57. As casolas servem de abrigo aos pastores nas serras que convizinham Pragança.

² É vulgar a crenga de que as Moiras encantadas são meio mulheres, e meio cobras, e que as cobras gostam de leite: vid. as minhas *Tradições populares de Portugal*, §§ 210 e 282. O que digo no texto deve relacionar-se com isto.

um «jogo d'oiro». O povo sonha sempre com oiro! Não serão as Bôças as proprias grutas?—Tambem no alto da *Capa Rôta*, sitio que fica em um *plano* ou *chada*, existem muitos algares.—Suponho que, se por aqueles locais se fizessem excavações archeologicas, se poriam a descoberto belos espolios.

30.—Antiguidades de Azeitão

Azeitão é um nome que corresponde a uma região, e não a uma só localidade. Aquella região abrange duas frêguesias, que comprehendem onze aldeias: Camarate, Pinheiros, Vendas e Vila Fresca, que formam a frêguesia de S. Simão, com a séde em Vila Fresca; Vila-Nogueira, Aldeia Rica, Aldeia de Oleiros, Aldeia de Irmãos, Aldeia de S. Pedro, Cõina a Velha, e Portela, que formam a de S. Lourenço, com a séde em Vila-Nogueira.—Incidentemente se vê que *aldeia* é vulgar designação locativa.

Em 15 de Outubro de 1893 percorri Azeitão, e além de notas filologicas que tomei na minha carteira, tomei outras archeologicas, posto que a esse tempo não existisse ainda o Museu Etnologico. Encontrei vários machados de pedra polida, que adquiri, e hoje estão no Museu. Em poder do S.^{or} Joaquim Rasteiro vi um belo machado de quasi 3 decimetros de comprido e uns 21 centimetros de maior circumferencia. Às grutas que na Archeologia são conhecidas por *de Palmela* ouvi chamar *Covas da Moira*. Estive em Cõina a Velha (a pronuncia local é com *oi*, e não com *ói*), junto de antigas ruinas, que devem em parte corresponder a *Equábona*¹. Em poder de várias pessoas vi moedas romanas achadas por Azeitão; de Claudio, etc.

Veja-se o artigo do S.^{or} Joaquim Rasteiro nO *Arch. Port.*, I, sgs., intitulado «Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida». E cf. acerca da Cõina medieval, Herculano, *Hist. de Portugal*, II (7.^a ed.), 31 e 460.

31.—Sepultura prehistorica de Fronteira

Em Outubro de 1893 informaram-me que no Junho anterior apparecera num campo, no sitio da Lagoinha, ao pé da vila de Fronteira, uma sepultura rectangular feita de pedras a pino, coberta por uma lage, e que dentro estavam dois machados de pedra e um «escôpro»², bem como uma panela de barro com cinzas.—Não pude saber se havia mais sepulturas.

¹ Cf. o que depois escrevi nO *Arch. Port.*, III, 7, nota.

² Assim mesmo me disseram: «escôpro».

32. — Arqueologia romantica

Em 1836 publicou-se em Lisboa um poema de J. M. da Costa e Silva intitulado *Emilia e Leonido ou os amantes suevos*. O A. inspira-se no Romantismo, até notando que a ideia lhe fôra suggerida por uma balada de W. Scott. Toma para tema o estabelecimento dos Godos na Lusitania:

Idade Media! oh epocha saudosa
 Das paixões grandes, dos sublimes feitos,

 eu me comprazo
 De transportar-me ao seio teu!..

diz ele no principio do canto III. Seguindo no enalço de Garrett, a quem tambem cita, evoca as tradições populares, as lendas, a Historia arqueologica, e usa nomes de cidades antigas, *Cetobriga*, *Scalabis*, etc. Importa-me transcrever aqui o seguinte:

1. Desprezados *dolmins*, que forra o musgo
 E onde sangue os Druidas derramaram
 De humanos corações com aurea fouce,

pp. 1-2. Ao que apõe uma nota; porém não fala de nada de Portugal, só desenvolve a ideia dos versos (p. v).—Acêrca da palavra *dolmin*, fôrma tambem usada num livro do D.^{or} Pereira da Costa (1868), cf. *Religiões da Lusitania*, I, 249, nota 1. A ideia de que os dolmens se relacionavam com altares druidicos, onde se celebravam sacrificios, era cara a outros poetas românticos ou antigos arqueologos: cf. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 381.

2. OSSONOBÁ: «era huma cidade do Algarve, situada junto de Stoy. Hoje apenas restam vestigios d'ella» (p. VIII). Efectivamente em Estoi (Milreu) ha muitos restos romanos (banhos, etc.), porém não creio que aí fosse Ossonoba. Esta cidade deve ter estado em Faro, ou perto, como eu já disse nas *Religiões*, II, 14: isto resulta, entre outras razões, de uma estátua levantada pela *respublica Ossonobensis* ao imperador Aureliano (270-275), estátua cuja base appareceu nas muralhas de Faro. Foi por motivo semelhante que os arqueologos localizaram *Aeminium* em Coimbra.

3. Templo de CYNTHIA ou da Lua (p. XXXIX), isto é, em Sintra.— Cf. *Religiões*, II, 219, nota 5.

Estes apontamentos (sem as notas) foram tomados por mim em 1893.

33.—Agoas santas de Vizela

Em 29 de Dezembro de 1893 estive em Vizela, que, como se sabe, foi séde de um importante culto lusitano-romano (*deus Bormanicus*), e tomei na minha carteira as seguintes notas:

As nascentes termo-minerais são muito numerosas, actualmente em número superior a trinta: em ambas as margens do rio Vizela, e algumas no proprio leito do rio. Constituem tres grupos principais: Lameira, Médico, e Mourisco. Em todos estes locais aparecem vestigios romanos, mas só na Lameira havia piscinas; aí jaz soterrado um belo mosaico policromico, de desenhos geometricos, o qual atesta o luxo do estabelecimento. Segundo a recente classificação do Professor Ricardo Jorge, as agoas são hipotermiais, termais e hipertermais, hipossalinas, carbonatadas sodicas, sulfureas e siliciosas, e dão bom resultado no tratamento de catarros, reumatismo, etc.—O rio Vizela é provavel que na epoca lusitano-romana também fosse santo como as termas, pois, conforme acima disse, uma das fontes termais brota d'ele.

Acerca do *deus Bormanicus*, vid. *Religiões*, II, 266 sgs, e acerca do mosaico, vid. Ab.º de Tagilde in *O Arch. Port.*, VIII, 243 sgs. (com estampas).

34.—Termas romanas de Milreu

Estive lá em Janeiro de 1894, e tomei as seguintes notas avulsas:

Ha muitos compartimentos ou tinas de diferentes fôrmas: quadradas, redondas, semi-circulares. São forradas de mosaicos (peixes, desenhos geometricos, etc.), e desce-se para lá por escadas também forradas de mosaicos. As tinas comunicam para fóra ás vezes por canos. Alguns dos compartimentos tem junto a uma das paredes um poialzinho quadrado, como de assento. Muitos dos compartimentos são contíguos, sem communicarem entre si, outros comunicam por uma abertura, como porta baixa ou janela.—Ha uma rua extensa, de 4 a 5 passos de largo. Por todo o local se encontram pedaços de marmore, fustes e bases de colunas, tejos de diferentes feitios, fragmentos de *opus Signinum*, pias; e em alguns sitios vêem-se canos.—Na parte superior das termas ha um pço fundo, antigo; e á entrada das mesmas uma edificação de tejolo (a que Estacio da Veiga, creio, chamava «basilica»), cuja base tem a fôrma indicada na fig. 30. Quando as piscinas estavam todas vestidas de mosaico, hoje na maxima parte barbaramente destruido, deviam produzir aspecto muito agradável.—Ultimamente

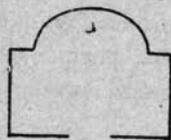


Fig. 30—Milreu

(falo, como já disse, de 1894) appareceu em Milreu uma cabeça de marmore, que me disseram foi levada para casa do S.^{or} Sárria, de Portimão.—Pelos campos vizinhos acham-se muitos fragmentos de telhas antigas, e devem tambem lá descobrir-se restos de casas.

No vol. iv dO *Arch. Port.*, 158 sgs., publicou Monsenhor Peireira Bôto uma noticia das termas, acompanhada de uma planta.

35.—Sepulturas da Quinta da Fidalga

Na quinta da Fidalga, frêguesia de Cacela (Vila-Real de S. Antonio) appareceram sepulturas, e nelas varios objectos. Vi d'essa quinta varias moedas romanas em 1894, em Cacela.

36.—Quinta da Torre d'Ares

Estive lá a 20 de Janeiro de 1894. Aos caseiros ouvi dizer que apparecem, ao cavar-se a terra, moedas romanas aos centos; obtive algumas, de cobre, e entre elas umas que tinham um orificio (amuleto romano): estão no Museu Etnologico. Tambem, a par com materiais architectonicos (pedras lavradas, fustes, capiteis) e tubos de chumbo (*fistulae*), apparecem muitos objectos miudos de cobre e bronze (argolas, etc.), bem como unguentarios de vidro, vasos de barro, algumas vezes com ornatos, e lucernas da mesma substancia;—tudo da epoca romana. Da epoca arabiga apparecem lucernas de barro.

Como é sabido, e isso consta igualmente de varios artigos publicados nO *Archeologo* e de referencias nas *Religiões da Lusitania*, a quinta da Torre d'Ares foi séde da antiga *Balsa*. Aos povos Balsenses se refere Estacio da Veiga num opusculo publicado em 1866, e Hübner num artigo inserido no vol. 1 da *Revista Archeologica e Historica*. O primeiro d'estes archeologos deixou alem d'isso apontamentos manuscritos e desenhos a respeito da quinta.—O aparecimento de artefactos arabicos, ainda que em pequeno número, tem importancia, porque mostra que o local não deixou de ser habitado na idade média.

37.—Faro

Informou-me em 20 de Janeiro de 1894, em Faro, o S.^{or} D.^{or} Coelho de Carvalho que nas excavações do castelo appareceram fundos de anforas romanas, e bem assim lucernas arabicas de barro e ceitis. Das lucernas teve ele a bondade de então me oferecer uma, que hoje está no Museu Etnologico, do tipo publicado na *Hist. do Museu*, p. 381, fig. 103. Vê-se que os entulhos do castelo continham restos de varias civilizações sobrepostas umas ás outras. Nos muros do castelo vi dois marmores, um do lado de dentro, outro do lado do mar. Num local

proximo vi tres fustes de colunas da mesma pedra; pouco antes tinha aparecido outro, que estava soterrado muito fundo: estes fustes são iguais aos que se descobrem em Milreu.

38.—Pero-Moniz

Perto de Pero-Moniz (Cadaval) ha uma barreira a que se ligam tradições de Moiros, e aonde já alguém tem ido ler o Livro de S. Cipriano.—Ouvi isto em 1894.

39.—Antiguidades da Senhora da Luz (Lagos)

Quem de Lagos se dirige para a Senhora da Luz, chega a um alto chamado *Atalaia*, d'onde se avista de repente uma larga bacia dividida em fazendas e quintas; com uma igreja. É a Senhora da Luz. O alto da Atalaia péga com o Sêrro Gordo. A bacia é limitada pelo mar.

Tendo eu estado nesses sítios em 19 de Março de 1894¹, procurei antigualhas, e efectivamente nos terrenos adjacentes á praia vi muitos vestigios de banhos romanos (piscinas), com restos de argamassa em que tinham assentado mosaicos, os quais então porém já não existiam.

Na vizinha quinta dos herdeiros de Fernando Galvão apparecem ainda mosaicos, e aí vi alicerces de casas romanas, e um pedaço de cano que devia levar agoa para piscinas. Tambem vi pelo chão fragmentos de anforas, e de outras vasilhas, bem como pedaços de tejo-los e frisos de marmore, e disseram-me que haviam apparecido moedas, porém não sei de que epoca.

Noutra quinta, pertencente á familia dos S.^{rs} Mascarenhas de Melo, vi, numa encosta pequena, alguns esteios (de grés) quebrados, que faziam parte de uma anta: d'ela fala Estacio da Veiga nas *Antiguidades monum. do Algarve*, I, 210 sgs.—Na mesma quinta existem antiguidades da epoca romana: mostraram-me uma columna de marmore, uma mó (*meta*), moedas, pedaços de telhas curvas (*imbri-ces*) e um tanque.

40.—Bensafrim

Na mesma occasião fui a Bensafrim, onde falei com o prestimoso Prior Nunes da Gloria (hoje falecido)². Na aldeia vêem-se muitas covas abertas na rocha (grés), de 1 metro, *plus minus*, de diametro na

¹ Ia em minha companhia o S.^{or} Maximiano Apolinario, Adjunto do Museu Etnografico (nome depois mudado em *Etnologico*).

² Vid. *O Arch. Port.*, XXI, 367.

boca (silos).—Segundo ouvi dizer, apparecêra um machado de pedra no campo das Aguilhadas.—Todo aquele terreno é venturosamente fértil de antiguidades: prehistoricas, protohistoricas (contas de vidro e inscrições turdetanicas), romanas, e a elas se referiram por vezes Estacio da Veiga e Santos Rocha, e tambem o que escreve estas linhas.

41.—Monte-Molião (Lagos)

Depois de se passar a ponte de Lagos, ao sair da cidade, encontra-se a quinta do Monte-Molião, que consta de terreno baixo e de um outeiro, ambos eles cultivados. Por um e outro se encontram moedas romanas e infinitos fragmentos de objectos de barro da mesma epoca,—vasos, tegulas, fundos e asas de anforas. Estive lá em 20 de Março de 1894, e até vi uma *tegula* inteira, muito boa. Do Monte-Molião é o *mercuriolus* de bronze publicada nas *Religiões*, III, 276, hoje pertença do Museu Etnologico. Tambem no Monte apparecem sepulturas romanas: de uma d'elas, rectangular, feita de lages, onde havia ossadas, levou o D.^{or} Teixeira de Aragão objectos,—vidros, vasos, etc.; de outras fala o S.^{or} J. J. Nunes na *Portugalia*, I, 817, sgs.—O dono do Monte-Molião, S.^{or} Cesar Landeiro, tem-me oferecido para o Museu Etnologico várias antigualhas provenientes do mesmo local.

42.—Antiguidades várias do Algarve¹

Na «fazenda» do Malhadal, freguesia de Mexilhoeira, ao fazer excavações agrarias, encontrou o seu proprietario, S.^{or} José Florencio de Sousa Castelo-Branco, de Lagos, tres ou quatro *silos*, de fórmula de pote alentejano, com uma pedra na bôca. Dentro d'elles havia: um percutor de pedra arredondado; um seixo rolado, a modo de ovo (pedra de funda?), e um tubo de osso, com lavoires, que ele me ofereceu; a par com estes objectos, estavam porém outros modernos, tais como duas maunças metalicas de fusos (embora actualmente já fóra de uso em Lagos).—Ao pé d'esta «fazenda» houve um grande cemiterio em que apparecêram sepulturas rectangulares, de pedra, no mesmo terreno dos *silos*; não sei a data d'elas.—O Malhadal dista de Alcalar uns tres kilometros.



Fig. 31—Fragmento cerâmico do Algarve

¹ Notas tomadas no Algarve em Março (20 a 23) de 1894.

Na «fazenda» do Solão, na mesma frèguesia, tambem pertença do S.^{or} José Florencio, informou-me este que havia apparecido uma fivela e uma argola metalicas, uma conta preta, dinheiros de D. Sanchinho, e ceitis de João I.

Na costa maritima, desde Aljezur até Carrapateiro, apparecem fragmentos de loiça, com desenhos, como o que se representa na fig. 31.

No sitio de Val-da-Lama ha muitos vestigios romanos soterrados no rio d'Alvor, onde desagôa o Odiaxere.

O Escampadinho é uma herdade que fica a uns 6 kilometros de Lagos: aí, no campo dos Lagares, apparecem muitos tellços de rebordo (*tegulas*). Proximo deste campo appareceu uma sepultura com ossos, não sei porém a epoca.

Em Val de Boi, perto de Búdens, ha antiguidades, ao que me disseram, sem m'as especificarem.

No Paul, ao pé de Lagos, appareceu uma lança prehistorica de bronze, e no Sérro disseram-me que havia mosaicos. A lança foi-me oferecida pelo S.^{or} Joaquim Nunes Peres, e está no Museu Etnologico.

No sitio da Castarrenha (Montinhal), ao pé de Sagres, ha uma casa em ruinas, e vestigios de outras. Aparece por ali muita ceramica grossa, que, pela descripção que me fizeram d'ela, deve ser romana. Luciano Cordeiro levou d'ali duas moedas antigas.

No sitio da Baleeira, á beira-mar, perto do Montinhal, achou-se um bonito machado de pedra, que adquiri.

Junto do «monte»¹ de Antonio José Serrenho, perto de Alcalar, appareceram tres covas abertas na rocha natural (*silos*): na bôca o diametro seria de 1^m,5 *plus minus* (não pude medir, por estarem cheias de terra). Um d'elles tinha de altura mais de 1^m,5; noutro um homem excavou até á profundidade de 2 metros sem chegar ao chão; o terreno era mais baixo. Da abertura para baixo alargavam-se, sem porém estreitarem no fundo, como os de Bensafrim: eram assim: fig. 32. O chão estava argamassado. Dentro acharam-se unicamente cascas de ostras e de berbigões, «ossos miudos» (talvez ossos quebrados).— É provavel que no campo haja outros silos.



Fig. 32 — Silo do Algarve

¹ Nesta provincia *monte* tem a mesma significação que no Alentejo: «casa de uma fazenda», «casa de campo».

No Cabeço do Estevo, entre Alcalar e a estrada, appareceu, ao que me disseram, uma construção quadrada, de pedras pequenas, ligadas por argamassa, e dentro d'ela ossos, conchas, tejos grossos, e outros cacos. Talvez da epoca romana.

43.—Alcalar

Neste célebre campo mortuario, onde Estacio da Veiga tinha feito importantes descobrimentos, e depois fez outros Santos Rocha, estive eu de visita em 23 de Março de 1894. Cf. *O Arch. Port.*, iv, 97, onde prometi excavações, que nunca cheguei a efectuar. Na minha visita vi muitas das sepulturas, e ouvi o seguinte curioso ditado topografico, que o povo põe na bôca dos «Moiros», personagens a quem se attribuem todas as vèlharias:

Alcalar moreno,
Castelo ventoso,
Argelino formoso.

O *Castelo ventoso* é o Castelo-do-Linho, situado num alto, onde se semeia linho, e apparecem alicerces antigos: fica no «morgado» do Reguengo, a uns 4 kilometros de Alcalar¹. *Argelino formoso* é o «morgado de Ares», que fica a uma legoa ou mais, e onde apparecem casas e tambem alicerces: porque é que o povo mudou *Ares* em *Argelino*? A origem de *moreno* não a averigüei, mas temos aqui um epíteto poetico corrente na poesia popular (igreja de *pedra morena*, etc.).

44.—Monte da Torre e Alfarrobeiras

Ao pé do «monte» da Torre, frèguesia da Mexilhoeira, no caminho de Alcalar, descobriu-se um edificio abobadado, da altura de uma pessoa, e de uns 2 ou 2^m,5 de largo, onde se encontraram mosaicos, e duas tegelinhas, uma inteira, outra em pedaços, de barro fino, com ornatos.—Nas Alfarrobeiras, que ficam perto, ha aberturas feitas em rocha, de menos de 1^m de comprido.

45.—Ilheu do Rosario

No ilheu do Rosario, em meio do rio de Silves, entre esta cidade e a Mexilhoeirinha, achou Estacio da Veiga várias antigualhas. Eu vi de lá tambem uma asa de barro, grossa.

¹ No Algarve *morgado* significa «herdade»: cf. *Rev. Lusitana*, iv, 335.

46.—Foz do Rio de Silves

Na margem direita do rio de Silves, junto á foz (Portimão) ha um sitio onde se diz que foi uma cidade antiga (*Portus Hannibalís*); apparecem lá piscinas revestidas de *opus Signinum*, como na Senhora da Luz (vid. supra).

47.—Val-de-Reis

Encontrei entre os meus papeis uma noticia minha antiga (1894) que diz: «Em Val-de-Reis, do Duque de Loulé, ha antigualhas: monumentos, moedas, etc.».

48.—Museu da Figueira em 1894

Tendo estado na Figueira da Foz em 6 de Setembro de 1894, tomei as seguintes notas do que vi no Museu, tão patriotica e intelligentemente organizado pelo D.^{or} Santos Rocha:

I. GALERIA DE ENTRADA:

1) Sepultura romana feita de *tegulae*, com *imbrices* nos cantos inferiores, umas e outras voltadas com as cavidades para dentro: fig. 33. Havia outras de lages de calcareo. De Ferestêlo.

2) Objectos varios, como: leitos de pau santo, baú-canastra, talhas de barro, santos de madeira, brasões portuguezes.

II. SALA I (secção das industrias do concelho): ceramica, latoaria, instrumentos musicos, móveis, vestuarios, objectos de palha e de cana, etc.

III. SALA II (arqueologia historica), que tem como anexa a galeria de entrada:

1) Tres moedas ibericas; varias de cobre e prata romanas da Republica e do Imperio, dois *aurei* de Honorio: tres *trientes* barba-

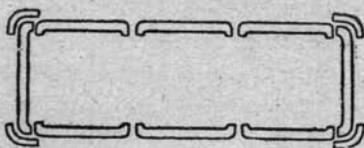


Fig. 33 — Sepultura do Museu da Figueira



Fig. 34 — Do Museu da Figueira

ros; varias moedas de prata arabicas, redondas e quadradas; moedas portuguezas (cruzado de D. João II; «500 reais», ouro, de D. Sebastião; tostão de D. Henrique; medalhas e condecorações portuguezas; moedas de diversos paises.

2) Mosaicos romanos, pratos; fragmentos varios de loiça, alguns

com marcas fig. 34 a 36; *tegulae, imbrices*; cacos com móssas para se atar um fio, e servirem de pesos fig. 37¹.

3) Leques.

4) Ourivezaria.

5) Escultura e ceramica de varias epocas (portuguesa, hespanhola, arabica, etc.; azulejos).

IV. SALA DE COMPARAÇÃO: etnografia moderna, tanto portuguesa como colonial. Pêsos de barro (*pandulhas*) usados hoje nas redes pelos pescadores: D'este tipo: fig. 38.

V. SALA PREHISTORICA. Riquíssima. Quasi tudo neolítico. Ponta de lança de silex, de uns 0^m,32 de comprimento, e 0^m,12 na base. Dois machados de pedra polida, de uns 0^m,30 de comprimento cada um. Um



Fig. 35



Fig. 36



Fig. 37
Do Museu
da Figueira



Fig. 38
Pandulha



Fig. 39—Pendente
de dente de javali
do Museu
da Figueira

machado de bronze de Leiria. Fragmentos ceramicos com ornamentação. Taças de barro inteiras, muito curiosas. Contas de azeviche, ribeirite, etc. Chapão de pedra do Cabeço dos Moinhos (fragmento), com ornatos angulares. Setas, martelos, percutores. Pendente feito de dente de javali: fig. 39.

49.—Antiguidades de Casal do Mato (Figueira da Foz)

Em 10 de Setembro de 1894 fiz uma excursão pelos arredores da Figueira da Foz, e estive em Casal do Mato, onde vi alguns dolmens, tais como o da *Cabecinha Grande* (anta e mamoinha), e o do *Facho*, coberto tambem por um monticulo de terra. Tomei medidas, e esbocei a planta d'estes dois monumentos; como porém o D.^{or} Santos Rocha os explorou e estudou, e d'isso fez relatorio (ilustrado)

¹ Santos Rocha descreve e publica pesos d'estes, de Santa Olaia, na *Portugalia*, II, 350, e est. xxviii, figs. 249-254, a que chama «pesos de rede», pela comparação que estabelece com os modernos. Em castros, e outras estações arcaicas do Norte, tem apparecido pesos semelhantes, mas de pedra: vid. Joaquim Fontes, *La Station de «S. Julião»*, Lisbonne 1916, p. 5, que supõe serão pesos de tear. No Museu Etnologico ha muitos dos ultimos, trazidos para cá por F. Alves Pereira.

nas suas excelentes *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, Figueira 1900, p. 204 sgs. e 208 sgs., abstenho-me de publicar as minhas notas, e remeto o leitor para aquela obra. Só notarei a semelhança ideologica que existe entre os vocabulos *Facho* e *Bico da Vela*, este último aplicado á parte mais alta do *Castelo* ou «castro» de Pragança.

50.—Antiguidades do distrito de Coimbra

Na *Memoria do distrito de Coimbra* por Henrique Sêcco, Coimbra 1853, mencionam-se antiguidades nos seguintes locais:

Ançã, pp. 4 e 5, nota.

Arganil, p. 10 e nota.

Serra do Colcorinho, p. 16 e nota.

Midões, pp. 88 e 89.

Bobadela, pp. 103-106.

Na mesma obra, p. 47, mencionam-se grutas no lugar das Luadas (Coja): terão vestígios prehistoricos? A p. 56 diz-se que em Fajão ha muitos *buracos dos Mouros*.

51.—Farodenha (Viana do Castelo)

Ouvi dizer que em Farodenha ha uma «cidade» pre-romana.

52.—Antiguidades de Almeidinha (Mangualde)

Num campo que fica dentro da quinta de Almeidinha, concelho de Mangualde, onde estive em 24 de Dezembro de 1894, observei que havia numerosos fragmentos de tegulas e grande quantidade de pedregulho, que denotava ter feito parte de construções humildes.

Entre estes pedregulhos encontrei um fuste de coluna cilindrico, e uma base tosca (0^m,30 de diametro no fundo) que represento na figura 40; encontrei igualmente algumas pedras aparelhadas. Toda a rocha d'este local e região é de granito.—Houve certamente aqui um povoado ou *villa* na epoca romana.

No mesmo campo se vêem quatro sepulturas abertas em rochedos: tipo na fig. 41, O.—E., não porém todas com orientação identica. O povo denomina-as *Campas dos Moiros*.

53.—Xorcas de ouro

No sitio do Modorno, junto de Mangualde appareceram, alguns annos antes de 1894, em que lá estive, dois objectos de ouro, que, pelas informações que colhi, eram duas xorcas lisas. Disseram-me que as venderam em Viseu a José do Amaral Tóro, que era curioso de cousas antigas (hoje falecido).

54.—Quinta das Aveleiras (Carregal do Sal)

Na quinta das Aveleiras, onde estive em fins de Dezembro de 1894, com o meu falecido amigo Miguel de Queiroz Malafaia, da Casa de Fornos de Maceiradão, mostraram-me um rochedo



Fig. 41



Fig. 40

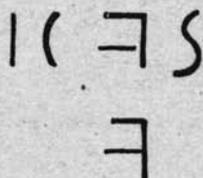


Fig 42



Fig. 43

de granito em que estavam insculpidas estas letras: fig. 42, que tem de altura 0^m,10, e de profundidade 0^m,01 a 0^m,02. Da 1.^a letra á ultima a distancia é de 0^m,22. O S decai um pouco, como se vê. Este penedo estava junto de outro muito grande.

Perto, a uns 50 passos, encontrei sepulturas abertas em outros penedos. Uma d'elas é rectangular, orientada do N. ao S. Comprimento, 1^m,60, largura 0^m,67, profundidade uns 28 centímetros.

A outros 50 passos da precedente vê-se outra, deste tipo: fig. 43 orientada do S. ao N.: comprimento 1^m,73, largura nos ombros 0^m,40.

O povo chama a estas sepulturas *Masseiras dos Moiros*.

Tudo o que acabo de mencionar fica a 1 kilometro de Alvarelhos, concelho de Carregal do Sal.

55.—Torre de Corrélos

Disseram-me que na aldeia de Corrélos, concelho de Carregal do Sal, havia uma torre antiga.

56.—Quinta do Vau

Na mesma ocasião em que estive em Carregal do Sal me disseram que na quinta do Vau, limite de Santa Comba-Dão, havia pedras com letreiros, porém não pude saber de que especie eram.

57.—Painéis dos Cinco Sentidos

Numa casa da Beira Alta vi pendurados numa parede cinco painéis antigos que representavam os cinco sentidos.

1) *Ver.* Um homem mira-se num espelho, e tem diante d'ele uns olhos.

2) *Ouvir.* Um homem toca uma gaita de fole.

3) *Cheirar.* Um homem cheira um ramo.

4) *Gostar.* Um homem empunha um copo de vinho.

5) *Apalpar.* Um homem afaga uma ave.

Não é só na pintura que sei de representações artisticas dos sentidos, tambem a poesia popular os canta (posso varias versões ineditas, e ha outras já publicadas). E toda a gente conhece os lindos versos de Garrett, ao mesmo assunto, e com o mesmo titulo, nas *Folhas Cahidas*, liv. I, n.º 16.

58.—Forno do Mouro

Ouvi na Beira Alta dar este nome ás vezes a um dolmen. O nome originou-se na semelhança que o povo encontrou entre um forno, com a sua bôca, e uma anta, coberta de mamôa, e aberta na frente (corredor ou galaria). Tenho para mim que todas os nossos dolmens foram originariamente revestidos de mamôa; se ela falta em alguns, é que se desmoronou pouco a pouco.

59.—Outeiro de Espinho

Pelos arredores aparecem fragmentos de telha romana. Junto do rio de S. Pedro achou-se um denario.

60.—Antiguidades de Agoa Levada (Mangualde)

1. Ao pé e ao Nascente de Agoa Levada, povoação do concelho de Mangualde, ha um terreno extenso, e um pouco elevado, porém não tanto como costuma ser o dos castros, chamado *A Cerca*, onde dizem que «viveram os Mouros». Estive lá em 31 de Dezembro de 1894, e para aqui copio de uma carteira as notas que então tomei.

Por todo o terreno ha muito pedregulho sôlto, e a elevação tem vestigio de muros. Dou um esquema na fig. 44. Vi infinitos fragmentos de telhas de rebôrdo e achei um pêso de barro. Alicerces de casas não achei, embora com certeza os houvesse, como se mostra das pedras sôltas e das tegulas. Em A está uma pedra, e nesse ponto

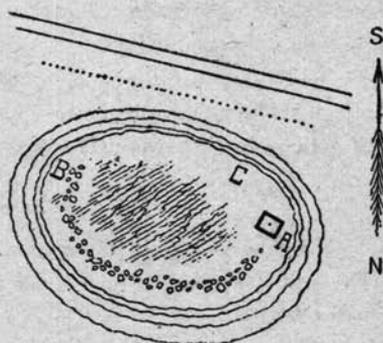


Fig. 44

termina o muro. O espaço contido a dentro do muro é levemente elevado, e a elevação representará entulho resultante das ruínas das casas. O nome de «Cêrca» provém do muro (A-B). Em C a elevação é menor. As tegulas ou telhas de rebôrdo tanto aparecem na Cêrca, como nos campos em roda, que ficam pouco mais ou menos 0^m,50 a baixo do muro.

Houve ali um povoado romano, isto é, um castro, não porém, como já disse, muito alto. Ao Poente passa o rio de Agoa Levada, que é cortado pela linha ferrea, e fica a uns 200 metros da Cêrca. Ao Norte ha um vale.

Diz o povo que era ali antigamente Agoa Levada, depois transferida para o local actual, que fica em posição inferior.—Acêrca de lendas semelhantes, vide adiante, n.º 62.

Outros objectos achados na Cêrca: uma bilha de barro, que quebraram; uma *mola manuaría* (só vi a metade inferior, ou *meta*); uma pedra cilíndrica, de um 1 metro *plus minus* de altura, atravessada por um sulco, onde devia ter existido uma chapa: fig. 45 (faria parte de um engenho agrario).



Fig. 45

2. A 1 kilometro, *plus minus*, da Cêrca ha um terreno denominado *A Bôcha*¹, onde, como no de cima, apparecem fragmentos de tegulas, e mós pequenas; tambem apparecem escóreas, «iscôparos» (escopros), pilares e frisos.—Nota tomada lá, em 1894.

3. Num campo perto de Agoa Levada, ao pé de uma capela, no «Olival do Mendes», appareceram igualmente pedaços de telhas de rebôrdo, e outras antigualhas: vi, por exemplo, restos do fundo de uma talha grande de barro (*dolium*), e uma pia redonda de pedra, que estava enterrada a 1 metro de fundura, quando a acharam. Tomei lá esta nota em 1894.

4. Num alto, a uns kilometros, e ao Norte, de Agoa Levada, ha campas abertas em penedos. O povo chama *Cumieira* ao sitio. Tomei lá esta nota em 1894 (Dezembro).

61.—Cruzeiros

Nos concelhos de Mangualde, Nelas e outros vizinhos vi em 1894 (Dezembro) muitos cruzeiros feitos com alguma arte: de granito

¹ Mais longe, perto de Caçorrães, ha uma serra cujo nome é deminutivo d'este: *Bôchinhas*. Tanto *Bôcha* como *Bôchinhas* se pronunciam com *ch* explosivo, e não com *x*.—Escreve-se usualmente *Cassurrães*, mas deve escrever-se *Caçorrães*: cf. *Cazoranes* em documentos do sec. XI (Corteseão, *Onomast.* s. v.).

e pintados. São freqüentes. Alguns tem versos, como estes:

*Misereminis (sic) mei, miseremini mei,
Vós que hides passando,
Lembraí-vos de nós,
Que estamos penando.*

Padre N. A. M. Anno 1845

Cf. *Religiões da Lusitania*, III, 602.

Erguem d'estes cruzeiros sobretudo nas encruzilhadas, «porque havia lá diabruras, e o Diabo e as Feiticeiras [Bruxas] fazião lá os seus conluios». Desenho de um na fig. 46. O conluio das Bruxas com o Diabo corresponde ao *Sabbat*, que alguns AA. olham como uma parodia da missa romana¹.

Alguns cruzeiros são pintados, com imagens de santos, ou, o que é mais curioso, com o sol & a lua, como um que represento na fig. 47, de ao pé de Espinho (Mangualde). Na fig. 48 represento soltamente as imagens dos mesmos dois astros, tais como se vêem em cruzeiros das Carvalhas (Senhorim) e de Lobelhe (Mangualde).—Já nos primi-



Fig. 46



Fig. 47

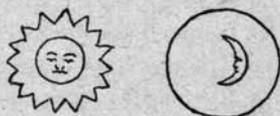


Fig. 48

tivos monumentos do Cristianismo apparecem crucifixos que tem figurados o sol e a lua, um de um lado, outro do outro, como diz Martigny²; ele dá d'isto várias interpretações misticas, mas devem as figuras certamente ter origem pagã. Não possuo elementos para estabelecer

¹ G. L. Hamilton in *The Romanic Review*, IV, 232. Cf. porém A. Maury, *La magie et l'astrologie*, 4.^a ed., p. 177 e n. 4.

² *Diction. des antiq. chrét.*, Paris 1865, s. vv. «soleil (le) et la lune» e «crucifix».

rigorosos laços entre os monumentos de que fala Martigny e os modernos cruzeiros de Mangualde e Nelas, todavia a semelhança é palpante. Creio que com a ideia contida nestes cruzeiros se conecta uma figura antiga de pedra que existia ha anos em Mesão Frio, onde a vi (hoje desaparecida): escultura que tambem representava os dois astros¹.

62.—Espinho

Junto do antigo passal da abadia, onde existe a lage insculpida a que me refiro nas *Religiões*, I, 366, ha uma capela de Santa Luzia, e aparece por aí muito fragmento de telha de rebordo. Diz o povo (ouvi em 3 de Janeiro de 1895) que fôra aqui a primitiva povoação de Espinho. Lendas como esta ha-as por muitas partes do nosso pais. Quando ao pé de uma povoação existem ruínas antigas, freqüentemente estas ruínas são tidas como de uma povoação d'onde a outra provém, o que de facto ás vezes é verdade.

63.—Sepultura aberta em rocha

A sepultura representada na fig. 49, aberta em um penedo de granito, orientada de Oeste a Este, e com 1^m,45 de comprido, encontrei-a numa das minhas excursões pelos concelhos de Mangualde e Nelas, porém perdi a nota do local preciso em que existe.

64.—Castelo de Castro Marim

O castelo fica em uma elevação, ao centro da vila. Tanto na área fechada pelas muralhas, como fôra d'estas, na encosta, aparecem muitos objectos romanos: tegulas inteiras, fragmentos de outras e de barro arretino, tijolos grossos. De tudo isto vi espécimes em 1895, quando estive em Castro Marim (cf. *O Arch. Port.*, v, 246 sgs.). Se se fizessem excavações profundas, talvez se encontrassem restos pre-romanos (cacos, etc.). Nas abas do castelo fica a ermida da *Senhora da Fontinha*, junto da qual ha um pôço, de agoa miraculosa, e um freixo sagrado: da agoa bebem os romeiros, no dia da romaria, uns goles, e levam uma pouca para casa em garrafinhas; do freixo cortam folhas e ramusculos, ou arrancam cascas, para tambem leva-

¹ É curioso que na Hespanha haja santuarios de *Nuestra Señora del Sol* e de *Nuestra Señora de la Luna*: o P.^o Fita porém lembra que estas «advocaciones se tomaron del cap. XII del *Apocalipsis*, v. 1»: vid. *Bojetin de la Acad. de la Hist.*, LX, 49. O texto do *Apocalipse* é: *Et signum magnum apparuit in caelo: mulier amicta sole, et luna sub pedibus eius, et in capite eius corona stellarum duodecim.*

rem, no que ha ás vezes grandes disputações. O local do castelo foi certamente a séde de *Baesuris*, nome depois substituido na linguagem comum por *Castro*, que é o actual. As superstições ligadas á arvore e ao pôço são vestigios de cultos pagãos, que o cristianismo aceitou.

65.—Cabo da Roca

Ao pé da Malhada do Tabaco, no Espigão Torto, a meia legoa de Azoia, ha umas furnas chamadas *Casas dos Moiros*, á beira-mar. Por aí aparecem instrumentos neolíticos, segundo me informei *in loco* em 12 de Maio de 1895: e até obtive um. Já na antiguidade se referiam lendas ás costas maritimas das proximidades de Lisboa: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 252-254; e em especial ao Cabo da Roca: *ob. cit.*, II, 217-219. O Cabo da Roca tinha na epoca romana, entre outros nomes (*Religiões*, II, 25), o de *Magnum*: tanto este, como o moderno, *Roca*, correspondem perfeitamente á realidade, pois a região é bastante larga, e alem d'isso rochosa. O seu tamanho permite que haja lá uma povoação, Azoia, com capela.

As «pontas» em que se recorta o Cabo tem nomes curiosos, como: Espigão Torto, de que falo acima; Focinho da Roca. O povo costuma aplicar com frequência nomes de partes do corpo, tanto dos animais, como do homem, a designações de sitios e lugares: cf. *Espinhaço do Cão*, *Cabeça do Mouro*, e os termos topograficos e hidrograficos *braço-de-mar*, *cabeço*, *costa*, *encosta*, *garganta*. A palavra *Cabo* vem tambem de *caput* «cabeça»; os Romanos diziam, por exemplo, em linguagem da poesia, *capita aspera montis* (Vergilio).



Fig. 49

66.—Fonte da Peninha

Perto da Capela da Peninha, na Serra de Sintra, onde estive na mesma ocasião em que estive no Cabo, ha uma fonte coberta, que tem uma cruz, e uma inscrição portuguesa que diz que a fonte foi feita em 1739.

É frequente andarem fontes associadas a capelas, e terem cruces: tudo isto constitue vestigios directos ou indirectos de cultos pre-cristãos. Ás divindades das fontes (Ninfas, etc.) correspondem nas nossas tradições umas vezes as Moiras, outras vezes santos, santas, ou a Virgem. Correspondente á *aedicula* romana, como se vê, por exemplo, em Braga, num quintal (*Religiões*, II, 248), ostentam as fontes hoje não raro um nicho com uma imagem cristã, ou uma

simples cruz. Como, quando as instituições se transformam, nunca a transformação se faz completa, acontece que passam ideias de uma civilização para outra: assim passou do paganismo para o cristianismo o culto das fontes. E o que é mais curioso, é que, desejando a camara municipal de Almada extinguir o culto que se prestava a um nicho de S. João na alameda do Castelo, substituiu a imagem do santo por uma figura representativa da «Republica», que foi colocada dentro do nicho. Nem em uma transformação tão radical se pôde acabar de todo com a tradição! Esta é rija e tenaz como a hera.

67.—Farol da Guia

No farol da Guia, perto de Cascais, ha uma capela de «Nossa Senhora da Guia», antiga, pois tem uma sepultura com a data de 1577, como verifiquei na mesma ocasião em que estive na Peninha e no Cabo. Fazem-se aqui várias festividades, mas o culto da Virgem vai em decadencia, e o templo está ao desamparo, apesar da invocação,—*guia* («dos navegantes»). Junto do altar vi tres ex-votos: um painel do sec. XVIII, e duas figuras de cera modernas (um menino e um par de seios). No painel, ou *tabula votiva*, como diziam os Romanos, representava-se um barco em perigo, ao qual apparecia a Virgem entre nuvens, com o filho ao colo; por baixo lia-se o seguinte: «Milagre q̃ fes N. S.^a Dagnia avituriano¹ Joze, vindo embarcado » para lx^a numa embarcação chamada St^o Ant^o postelão² a 5 de Nob^o » 1780 com vento sueste saltando para lossueste se virão subrado(s) sam » esperança de vida e apegandose com a d.^a S.^a se restutuhiraõ a sua » bona^asia». Ha aqui algumas fórmas de linguagem dignas de nota: *lossueste* = lessueste; *subrado(s)* = sossobrados³; *sam esperança* = *sãisperança*, pronúncia de «sem esperança»; *apegar-se com*; *restutuir* «restituir»; *bonânsia* «bonança».—Acêrca de ex-votos vid. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 28-29; acêrca de nomes de navios, vid. *De Campolide a Melrose*, p. 16.

68.—Manique de Baixo

Tendo estado aqui em 8 de Junho de 1895, ouvi dizer que no sitio do *Mirôcio*, isto é, «Merouço» ou «Morouço», tinha apparecido uns vinte anos antes uma lapide funeraria abaúlada, analoga ás de Capa-

¹ = a *Vitoriano*.

² Barco que servia de *postilhão*?

³ Houve aplogia, ou fonetica, ou meramente grafica (isto é, aplografia).

ride, que foram publicadas nO *Arch. Port.* I, 248 e 249, e nas *Religiões da Lusitania*, III, 402-403, e hoje estão no Museu Etnologico. No Morouço, acrescenta a lenda que houve um povo antigo.

69.—Murches

Visitei na mesma ocasião o *Roxio*¹ *Pelado*², ao pé de Murches. Ha lá muitas sepulturas, que fazem parte de um antigo cemiterio da epoca dos Visigodos: cf. *Arch. Port.*, XI, 325. As sepulturas foram abertas em piçarra, e eram cobertas de lages. Córtes que modernamente se fizeram na rocha deixaram á mostra muitas, que se vêem cheias de terra sôlta, e com as ossadas a apárecerem.

70.—Troia de Setubal

Notas tomadas numa carteira (n.º LVI, p. 45-46), em 23 de Junho de 1895, *in loco*.—Logo ao desembarcar, se nos depara a praia juncada de tejolos de fórmãs de quarto de circulo, de tejolos rectangulares, de tegulas, de asas, fundos e gargalos de anforas, de fragmentos varios de vasos arretinos. Dentro da agoa vêem-se tambem inumeros cacos. Encontram-se muitas ruínas de casas: paredes ainda conservadas até certa altura, e com as umbreiras (*postes*) das portas e janelas; as paredes são feitas de pedra e tejolo e revestidas de argamassa. Aqui e alem ha «salgadeiras» ou tanques. A cada passo se encontram moedas romanas de epoca tarda: adquiri duas do sec. IV. A agoa invade constantemente o solo da povoação. Foi, como creio, o rio, e não um terremoto, que destruiu esta.— Cf. *O Arch. Port.*, III, 156 (Maximiano Apolinario), e IV, 344 (Marques da Costa).

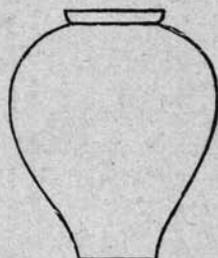


Fig. 50—Olla
de Troia de Setubal

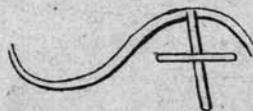


Fig. 51—Desenho no gargalo
de uma anfora
de Troia de Setubal

71.—Moeda romana achada em Mangualde

Entre as antigualhas que apareceram no sitio da Raposeira (arredores de Mangualde), exploradas pelo D.^{or} Alberto Osorio ha anos (vid. n.º 10), contam-se várias moedas romanas de cobre: uma que vi é um sestercio ou «bronze maximo» do sec. II (M. Aurelio).

¹ Isto é «Rossio».

² = sem vegetação? Cf. em documentos medievais *terra calva*.

72.—Vasos romanos de Troia de Setubal

Em poder do D.^{or} Botelho Moniz (hoje falecido) vi, em 1895, em Setubal uma *olla* achada nas ruínas de Troia de Setubal, fig. 50. Mede altura 0^m,168; na boca tem 0^m,11; no fundo 0^m,068.

No gargalo de uma anfora, que appareceu sôlta, continha-se este desenho (fig. 51).

73.—Ribeira da Ajuda

Em Setembro de 1895 estive na Ribeira-da-Ajuda, ao pé de Setubal (fronteira a Troia), e aí vi tinas forradas de *opus Signinum* como as de Troia (cf. § 70), e pedaços de marmores romanos.

74.—Ex-votos do sec. XIV

No testamento de Lourenço Denis, da era de Cristo de 1348, arquivado na Torre do Tombo, est. 1, doc. E, n.º 10 e 11, lê-se o seguinte trecho que me foi comunicado em 1895 por Joaquim Rasteiro, de Azeitão, colaborador d-*O Arch. Port.*, e hoje falecido:

«Item mando q̃. me ponham ante ho orago de Santantam duas »ffeguras de bestas hũa de coor baio e outra de mua baya, e duas »omajães affeguradas de mym e outra daffonso ssanchez e sejam de »cerra»¹.

Temos neste texto, até hoje, como cuido, a mais antiga noticia de ex-votos cristãos em Portugal.

75.—Dolmen ou «casa d'orca»

Disseram-me em 1895 que entre Carrapito e Pena-Verde (concelho de Aguiar da Beira) havia á beira de um caminho uma *casa d'orca*.

76.—Grutas estremenhas

Informaram-me em 1895 de que ao pé de Porto de Cavaleiros, concelho de Tomar, ha varias grutas, uma d'elas muito grande, chamada *Gruta dos morcegos*, por lá apparecerem muitos; e bem assim uma, tambem muito grande, entre Sobreirinho e Porto de Cavaleiros, ao pé do rio Nabão, no mesmo concelho; e muitas, e muito grandes, em trincheiras do caminho de ferro, junto de Val dos Ovos, igualmente no concelho de Tomar.

Mais me informaram de que no sitio da Ave-Casta, concelho de Ferreira do Zezere, ha outra gruta.

¹ = *cera*.

Poderão, pelo menos algumas d'elas, ter sido utilizada em tempo prehistorico como habitação ou lugar de sepultura.

77.—Excursão pela Extremadura Cistagana e Norte de Portugal
(Notas tomadas em 1895 ¹)

Em 31 de Agosto de 1895 parti para Tomar com o S.^{or} Maximiano Apolinario, então Adjunto do Museu Etnografico (foi esta a primeira designação do Museu Etnologico).

Visitámos nos arredores de Tomar o sitio da Serrazeda, propriedade do S.^{or} Conselheiro João Tamagnini Barbosa. O sitio mede alguns quilometros quadrados, e chega até a igreja de Santa Maria dos Olivais, abrangendo o cemiterio; por todo ele, nos trabalhos agrarios, se encontram em grande abundancia restos romanos: pedaços de *tegulae* e de *imbrices*, pesos de barro, ladrilhos quadrados, moinhos de mão ou moendas, de granito (as duas partes: *meta* ou inferior, e *catillus* ou superior), pedras aparelhadas, pedras esculpidas, como a que se representa na fig. 52 (base), troços de estátuas de marmore, moedas imperiaes (de Diocleciano, Galieno, etc.), fragmentos de vasilhas de barro, imenso pedregulho, de paredes de casas. Com as moedas tambem appareceu uma de *Emerita* e outra da [co]LON(ia) gaulesa de NEM(ausus), com o crocodilo, o que mostra relações commerciaes do extremo oriental da Lusitania e da Galia com o Ocidente.—A povoação que aqui existiu teve pois certa importancia e extensão. Chamam-lhe *segunda Nabancia*; a primeira fica a 1^{km},5 *plus minus* d'esta ².—Obtive lá, para o Museu Etnologico, um peso de barro (vid. adiante, p. 166), e um fragmento de *imbrex* com ornamentação.

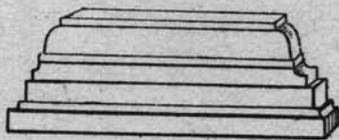


Fig. 52—Dos arredores de Tomar

Na cidade vi em mãos particulares muitas outras moedas: denario da *gens Cloulia*, denario de Tiberio, bronzes minimos de Constantino e Constancio, etc.

Ao tempo da minha ida a Tomar havia lá um coleccionador de antiguidades e curiosidades, o S.^{or} Antonio da Silva Magalhães, farmaceutico: cf. *O Arch. Port.*, I, 14—15. Ele possuia um museuzinho, que começara a organizar por 1880, e que me mostrou. Compunha-se este de objectos de historia natural (conchas), de etnografia africana,

¹ Extraídas de carteiras que na minha livraria tem os n.^{os} LVII a LVIII.

² Acerca de *Nabancia* vid. o que muito depois d'esta excursão escrevi no *Arch. Port.*, XIX, 148.

indiana, chinesa e timorense (armas, utensilios, loiças, instrumentos musicos), e de archeologia nacional: a) da epoca pre-romana, tres machados neoliticos, uma cunha de cobre; b) da epoca romana (e visigotica?) moedas de prata e cobre, uma cabeça e varios troços de estátuas, de marmore, duas tegulas quasi integras, pedaços de mós, um machado de ferro, varios *póndera* de barro (um d'elles marcado em cima com uma cruz), duas fibulas de bronze, um rendilhado de bronze (talvez de cinturão); c) de epocas mais modernas, varios sinetes (e entr'eles dois de um D. Prior Geral do Convento de Cristo: um particular, outro oficial), um cadeado ou aloquete, espécimes de loiça do Rato, quadros pequenos.

No dia 1 de Setembro de manhã partimos para Cabaços, a cavalo, e de lá para outra localidade. A Tomar viera esperar-nos o S.^{or} José Maria Pereira, de Dornes, a quem o Museu ficou depois devendo alguns bons serviços (hoje o S.^{or} Pereira é falecido). A estrada é ladeada de arvores, e atravessa frescas campinas. Pelo caminho encontravam-se muitos romeiros, que vinham da Senhora da Guia, rapazes e raparigas, enfeitados de flores artificiais: elles ostentavam-nas no chapéu, ellas no nó ou carrapicho do cabelo. Passavam tambem muitos carros, revestidos de verdura, ou com toldos.

Como ao longe se avistasse a capela de S. Saturnino (vulgò *Sadurninho*), que fica ao pé do lugar das Menechas, na Serra das Areias, fiz perguntas a seu respeito, e ouvi contar que quem está doente de sezões rouba tres telhas a qualquer casa, e vai pô-las ao pé do santo, cuidando que sara; chamam-lhe por isso o *ladrao das telhas*. É preciso que as telhas sejam roubadas, e sem o dono saber; se este souber, ou se as telhas forem dadas ao doente, o rito de nada serve.—Ha superstições semelhantes por esse mundo fóra.

De Tomar a Cabaços passámos pelas seguintes povoações: Venda-Nova, Pintado, Frêxo (onde, ao pé, num alto, dizem que ha um castelo), Calçadas, Venda dos Tremoços, Prêro (=Pereiro), Rego-da-Murta, e Vendas dos Olivais de S. Pedro.—Perto do Prêro vêem-se no alto de um monte uns restos da «torre de D. Gaião» ou «Lagalhão»: conta-se que vivia lá um gigante, que punha um pé na torre, e outro no Prêro, e apanhava as raparigas, levando-as para a torre, onde ellas deixavam a virgindade. É lenda tambem comum, mais ou menos, a outras terras, e prende-se a lendas antigas¹.

¹ Depois d'isto publicou o D.^{or} Antonio Baião duas vistas da torre, no *Arch. Port.*, XIII, 257-259, onde ao mesmo tempo conta outra lenda diversa da minha.

Não posso narrar ou descrever seguidamente a viagem! Apontarei apenas, de modo sôlto, o que fiz ou o que observei.

Nas Carrasqueiras, povo da frêguesia de Alvaizere, obtive um escopro de cobrè ou bronze, que, ao que ouvi, apparecêra debaixo de



Fig. 53
Escôpro
das Carras-
queiras



Fig. 54 — Pedra de um anel
romano (Alvaizere)



Fig. 55 — *Pondus* de barro
das Rominhas



Fig. 56 — Rominhas



Fig. 57 — Rominhas



Fig. 57-a — Rominhas



Fig. 58

umas lajes naturais, juntamente com machados do mesmo metal; vai copiado na fig. 53.

Ao pé da Rominha ha um olival chamado *Marôuços*¹, onde vi muitos fragmentos de tegulas e de imbrices, e muitos cacos de vasos.

¹ Isto é: *Morouços*. Na *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 317, imprimiu-se *Marouca*, por engano.

Informaram-me que aí apareceram moedas de prata «com duas caras» (denarios) e moedas de cobre. No mesmo olival appareceu uma pedra (cornalina), de anel romano, com uma gravura: tomei decalque que copio na figura 54 ampliada (desenho de Saavedra Machado): vê-se um bode com os pés fixos no chão, e as mãos deitadas a uma arvore que fica á esquerda do observador. Aí obtivemos os seguintes objectos: um machado neolitico, e parte de outro; dois fragmentos de pesos de barro, um dos quais, de 0^m,084 de comprimento vai gravado na fig. 55; uma lingøetazinha de bronze, que é muito provavel que pertencesse a uma fechadura, e mede de comprimento 0^m,066 (fig. 56): um peso de chumbo, de 0^m,46 de altura¹, fig. 57; um caco grosso, com sulcos digitais, de 0^m,074 de comprimento (fig. 57-a); um disco de xisto, de 0^m,042 de maior diametro, com dois orificios proximos um do outro, acaso botão, fig. 58². Tambem aí achámos um fragmento de percutor, que parecia da 2.^a idade da pedra. Não ha dúvida que houve no olival de Marðuços uma estação romana. O D.^{or} Ferraz de Macedo perguntou por esse motivo se a palavra *Rominha* significaria «Roma pequena»³; todavia *Rominha* não é mais, quanto a mim, do que contracção de *romainha*, deminutivo de *romã*, palavra que, do mesmo modo que *romanzeira*, é muito conhecida no local. O onomastico portuguez apresenta palavras semelhantes: *Rominhal*, *Rominheira*, *Rominheirinha*.

A meia legoa da Rominha demora a *Fonte Santa*, nas abas de uns montes. Foi *santa* outr'ora, hoje já não faz milagres. Só o nome perdurou.

Estive na ermida da Senhora dos Covões. D'ela fala Severim de Faria num manuscrito da Biblioteca Nacional, de que dei noticia no *Boletim* da 2.^a classe da Academia, VIII, 248-260. Diz o Chantre que uma rapariga de Alvaizere sonhara que achava um tesouro em uma cova no local onde hoje está a ermida, que ainda então não existia: foi lá, e achou uma imagem que levou para casa como boneca, porém esta por duas ou tres vezes voltou para a cova, até que os moradores da vila foram ao local, e achando a Senhora, lhe fizeram a ermida. Mais diz Severim: «na coua em que appareceu, puzerão hũa de prata, com o titulo de *Nossa Senhora da Memoria*». Eu vi ainda na ermida

¹ Talvez antes modesto *aequipondium* do que *perpendicularum* (se é que é romano, como poderá ser).

² Os desenhos a que correspondem as figs. foram feitos pelo Preparador interino do Museu Etnologico, Rui Pacheco.

³ *Luzitanos e romanos em Villa Franca de Xira*, Lisboa 1893, p. 18.

esta memoria de prata. Entre os milagres da Senhora conta-se (continúa Severim), o de «huns catiuos da Berberia, que encomendando-se á Senhora, ella os trouxe á sua igreja, e elles em recompensa deixarão dependurados das traves da ermida os grilhoens»¹. Todas estas lendas, a do aparecimento e fuga da imagem, e a dos cativos, são muito correntes no nosso agiologio, e já provém da antiguidade; foi o Cristianismo que as adoptou e as modificou².—Ao pé da capela mostram-se os dois penedos entre os quais appareceu a Senhora; a fenda estava alindada. Uma cantiga popular que ouvi a uma velha refere-se á lenda:

A Senhora dos Covões
A má' la de Rê de Cöuros³

Fõram tirar um cativo
Dentro á terra dos Mõuros...

cantiga que é como que a «proposição» de um poema; contudo a veia popular não chegou para mais! A mesma velha me informou de que ainda teve conhecimento de que as correntes de ferro existiram ali durante algum tempo.—Nos campos contiguos á ermida apparecem instrumentos neolíticos (vi um pedaço de machado), cacos grossos, e pesos de barro de character romano.

SERRA DE ALVAIAZERE.—A cavaleiro da capela da Senhora dos Covões, num dos sitios da serra, estende-se um grande espaço de terreno limitado por uma faixa de pedregulhos, que mostra ser residuo de rude muralha. O povo chama a este espaço «O Murêdo», e acrescenta que isto «era murado no tempo dos Moiros»; mas certamente *Murêdo* deve escrever-se *Moredo*, como derivado de *mora*. Cfr. *Moredo* na Galiza, *Moreda* em Lião, *Moredillas* em Córdoba. Sei de outro *Muredo* ou *Moredo* no distrito de Bragança. Dentro do de Alvaiazere não achei porém restos nenhuns de habitação, nem cacos; talvez para isso contribuisse o estar o chão coberto de mato,—carrasco, urze, alecrim, azinha⁴. Por aqui me contaram a seguinte lenda. «Uma

¹ Cit. ms., fls. 261.

² A imagem de Artemis Orthia (do gr. ὀρθός «de pé») appareceu numa moita, em Esparta, e os ramos de vide que a envolviam mantinham-se de pé: Pausanias, *Descr. da Grecia*, III, 16, 10; cf. *L'Anthropologie*, xv, 49.—Valerio Maximo, *Factor. dictumque mem. liber*, I, VIII, 7, diz que Eneas collocára os Penates em Lavinio, e que sendo d'aí levados por Ascanio para Alba, eles voltaram para o santuario primitivo. Vid. exemplos paralelos na *Mélusine*, I, 346 e 347 (nota), e na *Rev. Archéol.*, XXI, (1893). 344.—Da lenda dos cativos já falei no cit. volume do *Boletim da Academia*, ibidem.

³ «E mais a de Rio de Couros».

⁴ Assim ouvi, e assim tenho, bem claro, na carteira a palavra *azinha* (não me lembro que planta designa).

rapariga guardava uma vaca, e dava por falta de leite. Um dia encontrou uma Moira que lhe perguntou de que é que ela gostava mais, da Moira, ou de umas tesoiras. A rapariga respondeu que a Moira era bonita, mas que as tesoiras (de ouro) o erão mais. Então a Moira presenteou a rapariga com um objecto, que esta tomou e levou consigo, mas vendo que eram carvões, deitou-os fóra. Eles transformaram-se então em ouro». — Já Fedro tinha dito dezasseis seculos antes (v, 5, 6): *carbonem pro thesauro invenimus!*

Ao mesmo tempo que colhi estas tradições, colhi outras, e observei numerosos fenomenos de linguagem popular (pronuncia de *ii*, de *ô* por *ou*, de *ê* por *eu* e *ei*, de *ch*, etc.): isso contudo não são assuntos que verse no *Archeologo*.

No dia 1 de Setembro dormimos na quinta da Portela, onde seu dono, o S.^{or} Francisco da Cruz Miranda, amigo de José Maria Pereira, nos tratou opiparamente. No dia 2 seguimos para Dornes,



Fig. 59 — Letra cursiva romana

passando por Portela-do-Brás, Senhora da Orada (capela), Cruz-da-Canastreira, Souto, Matim-Brás¹, e Ribelas: caminho ora de montes ora de vales, mas sempre rodeado de vegetação, pinhais, castanhais, milhais, às vezes tão apertado, que quem vai por ele embate com os arbustos. A alguns kilometros de Dornes começa a divisar-se o Zêzere, manso, entre altas montanhas. Em Souto vi escrito numa parede: *Carbalheira mando consertar*, isto é, «Carvalheira mandô (= mandou) concertar», curioso texto dialectal, que nos mostra que na região o *v* da lingua literaria alterna com *b*, e que o ditongo *ou* se reduz a vogal. Em Ribelas vimos as ruinas de uma povoação extinta, casas, ruas: não porém de epoca muito remota.

Antes de passar a falar de Dornes, devo dizer que colhi na minha excursão pelo concelho de Alvaiazere um pedaço do bôjo de um pote grosso, romano, de barro, que vai copiado na fig. 59. Não posso dizer o local certo d'onde provém, porque a traça roeu parte do respectivo

¹ Assim se diz por *Martim-Brás*. Dissimilação de *r-r*.

rótulo (cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 346), e só se lê claramente «Alvaizere»; talvez porém seja do olival dos Marôços (vid. supra). Este caco é importante, porque se gravou nele com um ponteiro, quando o barro ainda estava fresco, uma inscrição de caracteres cursivos, que suponho será *diado-*, acaso as primeiras sílabas de *Diadochus*, nome que aparece por extenso numa inscrição lapidaria tarraconense (*Corpus*, II, 4270). Rareiam muito entre nós as inscrições romanas cursivas, e foi por isso que eu disse que o caco era importante. O ser diferente do primeiro *d* o segundo, não é razão para rejeitar a leitura, porque também nós hoje podemos escrever num mesmo texto, por exemplo, *s* e *r*, cada um respectivamente de seu tipo; e até podemos escrever *d* com haste simples, e com haste dupla, exactamente como no barro de que estou falando!

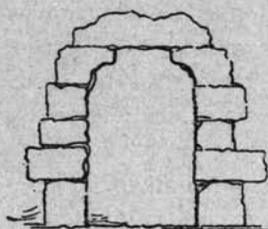


Fig. 60

Porta da Torre de Dornes



Fig. 61



Fig. 62



Fig. 63

Em Dornes recebeu-nos com toda a amabilidade em sua casa, a mim e a Maximiano Apolinario, o S.^{or} José Maria Pereira. Este S.^{or} já não existe, mas nem por isso devo calar os obsequios que, como director do Museu, lhe devi. Ele era muito entusiasta com as antiguidades dos seus sitios. Uma vez, sem me conhecer, appareceu-me em Lisboa, e convidou-me para ir lá. Foi este o motivo da presente excursão. Nem sempre o entusiasmo correspondeu à realidade. No entanto eu gostava de o ver, quando, meo de corpo e agil de movimentos, levantava os braços no auge da satisfação, e proclamava que eu não daria o tempo por mal empregado com a visita a Dornes. Ainda que não achei muita arqueologia, achei alguma cousa para os outros meus estudos, e isso me compensou das fadigas. Continuarei a extractar o que escrevi na minha carteira¹.

Dornes jaz num alto, passando-lhe em baixo o Zêzere, por vales. As casas são feitas de xisto, e muitas d'elas negrejam, não caiadas.

¹ Vid. as importantes noticias que acêrca de Dornes e do concelho de Ferreira do Zêzere publicou depois d'isto o D.^{or} Antonio Baião no *Arch. Port.*, XIII 258 sgs., XIV 135 sgs., XVII 73 sgs., XVIII 8 sgs., XX 46 sgs., etc.

Junto de Dornes ha uma elevação, que péga com o lugar por um declive pequeno, e cai sobre o rio, às rampas e escarpas, pelo Nascente, Poente e Norte. Fica nesta elevação a igreja da frèguesia, o cemiterio, e uma torre antiga, que serve para estar o sino. Na fig. 60 esboço a porta da torre, e figs. 61 a 63 dou desenhos de marcas de pedreiro que se vêem nos muros. À parte que se estende ao Norte do cemiterio chama o povo *O Castelo*, e liga-lhe, como por toda a parte, lendas de Mouros. Supondo eu que fosse aí um castro, mandei fazer excavações, e estas nos detiveram em Dornes até 5 de Setembro.

Nas excavações appareceram restos de ceramica antiga, como a dos dolmens (pasta negra, pintas de carvão, grãos de quartzo), e outros de ceramica mais moderna, mas que tambem pode ser pre-romana; appareceu um denario da familia *Iunia*, que reproduzi n^o *Arch. Port.*, v, 13; appareceram pedaços de *imbrices*, de tejos grossos, de talhas, e de vasos pequenos de barro; tambem appareceu um prego de ferro¹. Tudo isto à profundidade de 0^m,20 a 0^m,30 ou pouco mais; por baixo ficava o «arrife», ou solo duro, natural. As agoas da chuva devem ter arrastado para os vales muita terra vegetal.

Por aqueles sitios, junto do Zêzere, ha outros montes com denominações archeologicas, ou com lendas, por exemplo: *Castelo da Estrela*, onde existe uma capela consagrada a Nossa Senhora da Estrela; *O Crasto*, perto de Pombeira, frèguesia de Ferreira do Zêzere, onde se vê a capela de S. Pedro, e onde appareceu a *cuspis* de uma *hasta* ou lança, de ferro, e metade de uma tenaz (*forceps*)²; *Serra de S. Paulo*, em frente de Dornes, onde se conta que viveram Mouros. A proposito d'esta serra mencionarei um ditado popular:

Entre a Serra de S. Pálos³
E a ribêra de Belitã⁴
Ficô todo o nosso bã⁵...

isto é, toda a «nossa riqueza» (entenda-se que são os Mouros quem fala). Este ditado faz parte de um extenso *roteiro tradicional*, de que

¹ Não se encontraram vestigios de tegulas.

² Cf. A. Baião n^o *Arch. Port.*, xiii, 261-263, onde publica vistas da capela.

³ O povo pronuncia assim: *Sã Pálos*. Vestigio (indirecto?) do nominativo latino-eclesiastico *Paulus* ou *Paullus*, como *Domingos*, etc.: vid. *Lições de Philologia*, Lisboa 1911, p. 47.

⁴ = *Belitem*. Noutra versão ouvi *Litêm*. A ribeira a que estes nomes correspondem chama-se hoje «de S. Guilherme» e desagôa no Zêzere. Creio que *Belitem* e *Litem* são aqui apenas para a rima.

⁵ = *bem*.

já noutros lugares tenho publicado amostras (posso inéditos muitos ditados semelhantes).

Acima aludi á torre do sino. Nela existe uma pedra em que se lê em quatro linhas: || IN CINBALIS ¹ || BENE SONA || NTIBUS LAVDA || TE DEVM 1624 ² ||, isto é: «Louvai a Deus nos sinos que tocam bem. 1624». A data denota certamente a da colocação de um sino. As inscrições deste teor costumam estar escritas (fundidas) nos proprios sinos. A palavra *cymbalum* em latim tinha sentido diferente do que aqui se lhe dá, correspondia em certo modo aos «pratos» das filarmônicas, e applicava-se a um par de objectos, pelo que se usa no plural, como na inscrição se vê; traduzi-a, porém, por «sino», por ser essa a ideia expressa. Muito haveria que dizer acerca da literatura e das superstições dos sinos, se fosse aqui o lugar para occupar-me d'isto.

Como já noutros trabalhos tenho dito, é vulgar haver nos espelhos das fechaduras das portas uma cruz, que serve para afugentar os maus espiritos. Muitos d'estes espelhos se observam nas terras por onde passei, nos concelhos de Tomar, Alvaizere, Ferreira do Zêzere. Na igreja de Dornes vi um que represento na fig. 64, e que é importante por ter letras e uma data. Esta é «1755» e designará quando foi feito; as letras dizem *no Pintado*, isto é «fabricado no lugar do Pintado», que fica no concelho de Tomar. Tambem na porta da entrada se lê, na madeira, a data de «17-55».

Em varias epochas do ano vêm *cirios* ou «romarias» a esta igreja, de diferentes terras. Na capela-mór, de cada lado, ha boa collecção de cirios (de cera), uns vinte, cada um em sua caixa, de fórma da dos antigos relogios de sala, com uma porta de vidro por onde se avista dentro o cirio, todo pintado, com as armas reais da epocha; por fóra, e em cima, a caixa tem o nome da terra respectiva: CIRIO DA SERRA, CIRIO DE FERREIRA, e em baixo a data: 1825, 1827, 1839, etc. Dizem-me que o estarem aqui guardados os cirios, denota a posse que as terras tem de cá vir em romaria. Factos analogos se observam noutros santuarios, por exemplo no da Senhora da Nazareth, como dos mais famosos: vid. Britto Alam, *Antiguidade*



Fig. 64 — Espelho de porta, de Dornes

¹ Assim, e não CIBBALIS (*cymbalis*).

² O «2» não é perfeitamente claro.

da sagrada imagem de Nossa Senhora de Nazareth, Lisboa 1684, p. 171 sgs.¹. Isto mostra que o nome de *cirios*, dado ás romarias estremenhas, é mera metonímia. Osromeiros levavam cirios de presente aos santuarios e d'af passaram a chamar-se *cirios* as proprias romarias.

Na frontaria da igreja, á direita da porta principal, está gravada uma inscriçãõ que diz: *Esta egreja mãdou faz' em louvor do s.^{or} ds. e da p̄ciosa sua mad' egem n̄ ho hõrrado caualej̄ f̄j̄² g^o³ de sousa veedor do s.^{or} ifãte dõ anriq̄ e do seu cõselho e seu alferez moor comẽdador d'esta cõmda e alcaid' moor de toim⁴, filho de g^o aõs⁵ de sousa a ql eg^{ria} se fez aas suas p̄pas despesas por sua boa devaçõ sem a elo seendo obgado⁶: e por mem^a mandou aq̄i poer:*

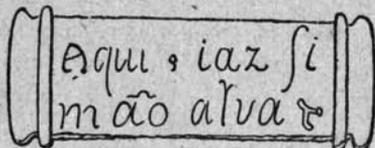


Fig. 65 — Da igreja de Dornes

*estas suas armas: d'us⁷ por sua m̄cee lh' d' galardõ d' sua b'mfeitoria amen: era do nacimẽto d' nosso s.^{or} ihũ X^o mil: iii^o: liii f^o. Junto da inscriçãõ⁹ está um brasão esquadrelado por uma cruz de Cristo, que tem no primeiro e quarto canto as quinas, e no segundo e terceiro um lião: é o brasão de um dos ramos da familia dos Sousas¹⁰. — Por cima da porta travessa da mesma igreja está outra inscriçãõ que diz o que se lê na fig. 65. A última palavra é *Alvar(ez)*.*

Para terminar o que queria dizer da minha excursãõ a Dornes, acrescentarei o seguinte. Os concelhos de Alvaizere e Ferreira do Zêzere tem mais da Beira do que do Sul, e isto tanto na paisagem,

¹ Num livro que estou preparando para a minha *Bibliotheca ethnographica portuguesa*, cujo volume 1 saiu a lume em 1882, tenciono tratar de *cirios*, e aí desenvolverei um pouco mais o assunto.

² = *Frey*.

³ = *G(onçal)lo*, como penso.

⁴ = *Tomar*.

⁵ = *Annes*.

⁶ *Sem a elo sendo obrigado* «sem a isso ser obrigado». Participio regido de *sem* é sintaxe arcaica.

⁷ = *Deus*.

⁸ = 1453.

⁹ Esta fõra já publicada por Carvalho da Costa, *Corografia*, III, 206, com differença ortografico-fonetico da minha copia. O Dr. Baião reproduziu no *Arch. Port.*, XIV, 142, a liçãõ de Carvalho. Eu copiei directamente da pedra.

¹⁰ Tomou por armas as quinas de Portugal e os liões do brasão do reino de Lião: vid. Villasboas, *Nobiliarchia Portugueza*, Lisboa 1676, p. 330.

como na etnografia: o terreno é muito montanhoso, alcantilado, e cortado de vales profundos por onde correm rios e ribeiros; ha muitas hortas, campos de milho e soutos. As casas, de peitoris e varandas, são freqüentemente sem cal, ao contrário da mór parte das da Estremadura, e não tem uma sala de entrada, asseada, como no Alentejo e outras terras meridionais. A gente anda descalça, como no Centro do país, e no Norte, mas parece-me que o chapéu de palha não se usa, ou pelo menos não tem o predominio que durante o verão tem naquelas duas regiões.

No dia 5 de Setembro partimos de Dornes para Sertã, e d'aí voltámos a Tomar. De Tomar seguimos para Coimbra e para o Norte.

*

Em 11 de Setembro estávamos em Vila do Conde. Era dia de mercado, em que se vendia muita variedade de cousas: objectos caseiros e de vestuario, comestiveis, etc. Nas tendas destinadas a pános causava notavel impressão o brilho das côres: vermelho rutilante, amarelo doirado. As tendeiiras traziam na cabeça lenço, tambem muito colorido, e outro em cruz no peito, saias de muitas fitas, mas estavam descalças. Outras usavam chapéu preto, redondo, com um espolhinho na frente. Todas de rostos côrados, reveladores de boa saude. Em quanto tomavam sentido nas mercadorias, fiavam,—para não perderem tempo. Apesar de conter muita quinquilharia estrangeira, o mercado apresentava cunho popular e local: vendiam-se rendas, tecidos, lenços com versos de amor, calçado (tamanquinhas de biqueira muito pespontada e enfeitada, para mulheres); vendiam-se rocas ornamentadas de desenhos geometricos, e fusos semelhantes,—de Barcelos; regueifas, pão de ló, trigo de quatro «cabeças»,—a apetecer—, em taboleiros; «loiça» de pau,— gamelas ou escudelas, e colhéres; objectos de religião e magia, e de literatura de cordel: escapularios, amuletos de chumbo com o sino-saimão, folhetos com versos do fado, o *Livro de S. Cipriano* dividido em tres partes. Perguntei a um rapaz onde se fabricavam certos artefactos que tinha expostos, e respondeu-me: «Lá em Hamburgo ou no Diabo!». Na linguagem familiar a palavra «Diabo» tem significação vaga. O rapaz queria dizer: «em Hamburgo, ou não sei onde». A cidade de Hamburgo era-lhe conhecida certamente por intermédio dos negociantes do Porto.—Pelo meio do mercado circulavam de onde em onde carros de bois, o que aumentava o pitoresco do quadro: bois de grande armação, jungidos por cangas artisticamente esculpturadas.

Era ensurdecedor o falatório, e por toda a parte se gesticulava com enfase, como é proprio da gente do Norte.

De Vila do Conde a Póvoa de Varzim (ou, como abreviadamente se diz: *à Póvoa*) são dois passos. Na Póvoa visitei o gabinete numismatico do S.^{or} Antonio Martins Rios. Ai vi: 1) algumas moedas ibericas; 2) moedas romanas (republica e imperio); 3) moedas portuguezas de varios reinados, desde D. João I até o tempo em que estavamos; 4) várias moedas estrangeiras (hespanholas, francesas, italianas, inglesas, alemãs, americanas, etc.; 5) tentos, «contos de contar», e medalhas; 6) papel-moeda e cédulas. Entre outras moedas notei um *duro* de Carlos IV de Hespanha, carimbado com as

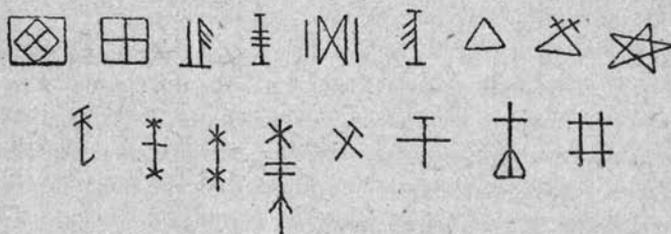


Fig. 66 — Marcas dos pescadores da Póvoa

armas reais portuguezas (de D. João VI, quando Principe regente: com o valor de 960 reis, para correr no Rio de Janeiro); uma moeda de cobre que tinha no anverso «*J. V*» (=João V)¹ e por baixo «171...»².—A par com moedas possuia o S.^{or} Rio diversas curiosidades archeologicas e de historia natural: loiças portuguezas, etc. D'este gabinete, sobretudo da parte numismatica, saiu uma noticia na *Estrella Povoense*, n.^{os} 795, 796 e 797 (Maio e Junho de 1892).—Tambem visitei a colleção archeologica do S.^{or} P.^o Brenha, e tomei algumas informações que depois me serviram em Trás-os-Montes (Vila Pouca de Aguiar).

Na Póvoa observei alguns costumes, que, por serem de character antigo, tem aqui cabimento.

¹ «J» invertido, por cima restos da coroa rial.

² Como a moeda estava fixa num taboleiro, e não se podia tirar, não examinei o reverso, mas informou-me o S.^{or} Rios que Teixeira de Aragão vira um decalque, e dissera que tinha «dentro de uma coroa de louro o valor de -3- reis», acrescentando: «é para correr na India, e lá foi cunhada: por isso, muito imperfeita. É inedita».—É esta a nota que tenho na carteira; não me lembro de outras particularidades.

A vila abunda de pescadores. Estes entendem que devem ter os seus sinais na igreja matriz, e por isso gravam-nos numa grande mesa ou cómoda que está na sacristia. Copiei alguns, que aqui reproduzo da minha carteira: fig. 66. Aí se vê: cruz, sino-saimão, etc.

Tudo isto se faz às escondidas do paroco e do sacristão, que não gostam do costume. É uma especie de registo. «Dá mais peixe, tendo aqui a *marca* na igreja», ouvi a um pescador. Ha *marcas* noutros templos: na capela da Senhora do Desterro, na porta, porque dentro não ha móveis; na igreja da Misericordia, tambem numa cómoda ou mesa. Na Misericordia copiei as que reproduzo na fig. 67¹.

No cemiterio da matriz vi um compartimento aberto, onde, em casotas, especie de armarios, se vêem muitas coveiras: fig. 68. Na

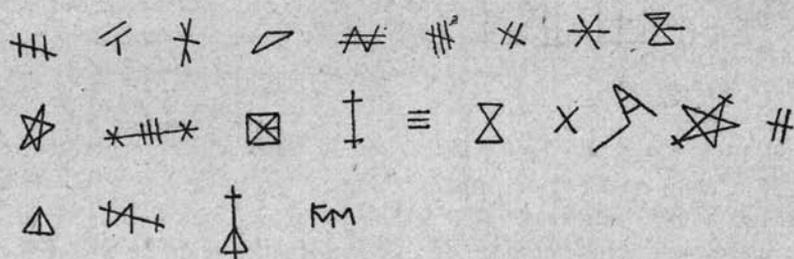


Fig. 67 — Marcas dos pescadores da Póvoa

ocasião em que das sepulturas da igreja se fazia a trasladação dos esqueletos para a «cisterna dos ossos» (ossuário), as famílias escolhiam as caveiras, e depositavam-nas ali, pondo por fóra as datas do falecimento, por exemplo: 1846, 1847, 1860 e tantos. A estas caveiras chamam «as coveirinhas».—Vi analogos compartimentos com *coveirinhas* na Misericordia.—Tais compartimentos lembram os *columbaria* dos Romanos; estes porém eram para conterem urnas com cinzas dos mortos (*ollae cinerarias*).

COISAS VÁRIAS.—Na Póvoa, como no Sul, vi espelhos de fechaduras com cruces.—O fuso com que as mulheres torcem a lã e o algodão compõe-se de duas partes, «pau» e rodela: figs. 68 e 69. Quando o fuso pertence a familia de pescadores, estes põem marcas na rodela (como em tudo!), por exemplo: fig. 70. Á rodela ou volante de fuso chamavam os Romanos *verticillus*, e a nossa gente do Sul cha-

¹ Marcas de character primitivo foram estudadas de modo geral por Andree, *Etnographische Parallel. u. Vergleiche*, II, 74 sgs. Com relação á Suíça e outros países da Europa e de fóra, vid. *Archiv f. Volksk.*, XI 165, e XX 287 sgs.; e a Portugal, *Hist. do Mus. Etnol.*, p. 236. Cf. *Religiões*, I, 343-345.

ma-lhe *cossoiro*, como já noutros lugares tenho dito.—Um soldado, da Póvoa, tinha no antebraço direito a seguinte tatuagem, de côr azul: fig. 71, e na «tabaqueira anatomica» do mesmo lado cinco pontas, assim dispostas: fig. 72¹. Foi um cabo da Ilha² que lhe fizera isto em Lisboa. O sino-saimão servia para o não empêcer coisa má³.—Para os bezerros não mamarem, ata-se-lhes na testa uma taboinha



Fig. 68



Fig. 70

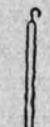


Fig. 69

Fig. 68
cemitério
da Póvoa

Fig. 72

A B

1876



Fig. 71

com prégos voltados para fóra: quando eles abocam as têtas das mãis, estas picam-se nos prégos, e fogem: as taboinhas tem o nome de *barbilhos*. Noutras localidades *barbilhó* tem significação diversa, mas applica-se a um objecto de uso semelhante (espeçie de freio de pau): vid. *Historia do Museu Etnologico*, p. 403.

A nossa estada em Vila-do-Conde e Póvoa foi rapida. D'ahi dirigimo-nos ao Porto. Depois de nova visita ao Museu do S.^{or} Azuaga, em Gaia, que eu já havia descrito no *Arch. Port.*, I, 20 sgs., seguimos para Trás-os-Montes.

*

No caminho para Vila-Real pousámos (Maximiano Apolinario e eu) na quinta de Mosteirô (Baião), onde o hoje falecido Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão nos acolheu com aquele cavalheirismo e affecto de que mais de uma vez tem sido feita menção na imprensa por nobres amigos e admiradores d'ele⁴. Manoel Negrão possuia uma collecção archeologica modesta, onde porém havia um

¹ Tudo é extraído da minha carteira LVIII, 30.

² O nosso povo quando fala das Ilhas Adjacentes diz de modo geral «a Ilha».

³ Aos cinco pontos costuma chamar-se «cinco chagas». Para o caso presente não tenho nota especial.—*Tatuagem* é palavra scientifica. O povo em diferentes partes diz *marca*; *marcar a tinta da China*; *um marcado* (= um homem tatuado).

⁴ Vid.: Alexandre Cabral no *Arch. Port.*, I, 33; Antonio Cabral, *Camillo de perfil*, Lisboa 1914, p. 77.

ex-voto de bronze muito notavel, que publiquei nas *Religiões*, II, 290. Ao tempo da minha visita, vi lá varias moedas romanas de Maxencio, Constantino ou Constante, Theodosio, Arcadio, e Valentiniano, achadas por aqueles sitios ou em Cárquere.

A propria quinta de Mosteirô foi estação romana: aí appareceu uma vez uma ara

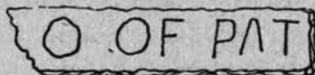


Fig. 73 — Marca figulina de Cárquere

de Juppiter (*Corpus*, II, 5567), e apparecem a cada passo bronzes minimos, e fragmentos de tegulas e de loiça. De Cárquere falei nO *Arch. Port.*, v, 206 sgs., e nas *Religiões*, III, 392, 440,

454 e 536. Negrão tinha então de lá um fundo de vaso arretino vermelho, em que se lia a seguinte

marca figulina: fig. 73. O actual dono da quinta, meu primo Luis Negrão, neto de Manoel Negrão,

conserva respeitosamente a collecção archeologica de seu avô: todavia, como em Mosteirô ella pouco pôde

ser visitada, lembro que, se passasse para o Museu Etnologico, receberia lá não só lugar condigno, mas

constituiria perduravel e glorioso monumento consagrado á memoria do seu organizador, porque o nome d'este ficar-lhe-hia junto.

De Mosteirô fiz uma excursão a Mesão-Frio, onde tomei notas de literatura popular, que não posso aqui reproduzir, por não virem a proposito.

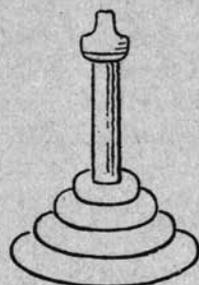


Fig. 74 — Pelourinho de Penaguião

De Mosteirô fiz uma excursão a Mesão-Frio, onde tomei notas de literatura popular, que não posso aqui reproduzir, por não virem a proposito.

*

Ouvi no comboio da Régoa que perto da aldeia de *Crastêlo* ou *Crestêlo*, onde parece que existe um *castro*, apparecem restos de construcções antigas e barros romanos. Este *Crastêlo* fica ao pé de Fontes, no concelho de Santa Marta de Penaguião.—A palavra *Crastêlo* é deminutiva de *crasto*, tem como variante *Crestêlo*, que em algumas partes sôa *Cristêlo*, ás vezes escrita com *h*, por a suporem relacionada com *Christo*!

Em Santa Marta de Penaguião, por onde passámos (então ainda não havia o comboio que hoje liga a Régoa com Vila-Real), tomei nota do pelourinho: fig. 74.

*

Em Vila-Real visitei a collecção archeologica do D.^{or} Henrique Botelho, prestimoso e bemquisto medico municipal, dado nas horas vagas a estudos de antiguidades,—e hoje tambem falecido.

A colecção constava de moedas romanas e portuguesas, e de objectos prehistoricos apparecidos no distrito de Vila-Real (Alvão, Perafita¹, Vidoal, Bojões). Depois da minha visita, o D.^o Botelho tornou-se um dos bons protectores do Museu Etnologico, ao qual cedeu todas ou quasi todas as antigualhas que possuia, e as que ulteriormente pôde obter; foi alem d'isso colaborador efectivo d'O Archeologo. Pouco antes da sua morte um incendio devorara-lhe as moedas antigas, algumas de ouro, e valiosas.—Acêrca de Henrique Botelho vid. a noticia necrológica publicada n'O Arch. Port., XIV, 255-256.

A uns quilometros de Vila-Real ha o célebre santuario lusitano-romano de Panoias, a que o povo chama «cidade das Panoias» ou «Panoiras», e liga lendas de Moiras (*passada da Moira*, etc.). Aí fomos, e aí colhi algumas das noticias que publiquei passados anos n'O Archeologo e nas Religiões. Este santuario é muito importante, e por mais que eu chame para ele a atenção das pessoas competentes, ninguem lhe acode, e ele vai desaparecendo a pouco e pouco, sob o camartelo estúpido do pedreiro. Uma vergonha nacional! Quer no tempo da monarchia, quer no tempo da república, todos os meus clamores tem sido vão! Panoias era um *serapēum* ou santuario de Serapis, como mostrei nas Religiões, III, 345 e 465; aí se conserva uma inscriçãõ greco-latina, unica no seu genero em Portugal; aí ha cavidades sagradas, abertas em rochedos. Que mais era preciso para que os Vilarealenses velassem por este tesouro?—Perto do santuario devia haver um povoado. Por ali se encontram inscrições romanas funerarias, moedas de bronze e de ouro (por exemplo um *aureo* de Nero com *Juppiter Custos*, como me informou o Ab.^o Manoel de Azevedo, que foi colaborador d'O Archeologo); tambem appareceu um fragmento de joia de ouro, que provavelmente se fundiu.

*

De Vila-Real partimos para o concelho de Vila-Pouca de Aguiar, onde o Rev.^o José Rafael Rodrigues, que conhece e ama as antiguidades da região, nos mostrou algumas que estavam a geito.

¹ Em Perafita ha antas com mamôa. O povo dá o nome de *madôrras* ou *madôrnas* ás antas assim providas de mamôa. *Madôrra* está por *modorra* e *medorra*. Diz Viterbo que *modorra* é um «monte de pedras miudas ou cascalho» (*Elucidário*, s. v.), o que convem perfeitamente a um dolmen com seus *tumulus*. O etimo supponho ser o latim meta «montão» + suf. *-ôrra*.

No adro da igreja de Telões¹ vimos o célebre busto lusitano-romano de Capeludos, pousado numa parede, como um bispo, de mitra: este busto veio depois para o Museu, e foi desenhado e estudado n' *O Arch. Port.*, VII, 23 sgs., e nas *Religiões*, III, 54-55.

Na mesma freguesia de Telões, num alto, d'onde se goza belo panorama, vimos o «Castelo dos Mouros», que foi realmente um castelo, erguido sobre penedos, que nuns pontos servem de muralha, fazendo parte d'ela, e noutros ficam dentro do edificio. Nas paredes de um recinto fechado e abobadado estão insculpidas as marcas de canteiro que vão transcritas abaixo: fig. 75.—Duas lendas ouvi referidas ao castelo. 1) Uma vez vinham dois homens a cavallo, da feira de S. Miguel, e encontraram-se aqui, perguntando um ao outro para

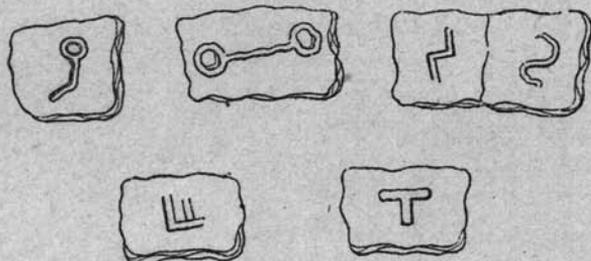


Fig. 75 — Marcas de canteiro: castelo de Vila Pouca do Aguiar

oúde ia. Um respondeu que ia para Tourencinho; o outro disse: *eu sou de perto*, e assim que o disse, fez que o cavallo dêsse com as patas numa fraga, que se abriu; o homem ficou lá dentro encantado². 2) Viviam outr'ora neste castelo um homem e sua mulher. O homem precisou de tratar da vida, e saiu para longe. Passados tempos, a mulher ouviu dizer que o homem morrêra, e mandou celebrar officios por alma d'ele na igreja de Telões, fazendo juntamente voto de não tornar a casar. Um dia bateram á porta do castelo: era o marido, mas a mulher não o quis receber logo, e só o recebeti depois de elle dar certos sinais (como na xacara da *Bela Infanta*).

Ao pé de Telões ha um penedo que tem uma cavidade grande, de fórma de çapato, mas onde cabe um homem deitado. O povo cha-

¹ *Telões* ou *Tellões* provém do genetivo medieval *Tellonis*: originariamente villa *Tellonis*, «quinta de Tello ou Telo». Depois começou a usar-se simplifadamente só o genitivo, que com o andar do tempo veio a significar por si só o local.

² Já me referi a uma lenda semelhante nas *Religiões*, I, 182 (nota). Conheço outras pelo país.

ma-lhe *Penedo da Passada*, e diz que é a passada de S. Cristovão, de quando por ali passou para a sua capela no concelho de Vila-Real.— Acêrca de outras pégadas maravilhosas, vid. *Religiões*, I, 381 sgs.

É d'estes sitios, obtida na mesma ocasião, a pia sepulcral de granito que foi desenhada n*O Arch. Port.*, XI, 369, e tem no fundo, por dentro, uma inscrição de difficil leitura. Apareceu numa bôixa pertencente ao Rev.^o Rafael Rodrigues, próxima á Povoação, frêguesia de Goivães da Serra.—Disse-me ele que a uns 2 quilometros do local



Fig. 76

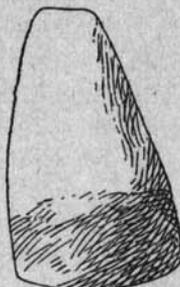


Fig. 78



Fig. 77



Fig. 79

em que appareceu esta pia, havia umas dez ou doze abertas num mesmo penedo.

No dia 26 de Setembro fomos ás Arcas de Carrazedo do Alvão. No presente caso *Arcas* tem o sentido de «dolmens» ou «antas», pois ha aqui muitos d'estes monumentos. Da carteira do S.^{or} Maximiano Apolinario extráio as seguintes notas: «No sitio que chamam *Fundo das Arcas do Carrazedo*,—situado numa vasta bacia, rodeada por montes, e cortada ao fundo pelo rio Póvoas¹, que corre para o Poente, está um grupo de muitas antas. Pelo S. d'esta bacia, e correndo no sentido NW.—SE., está a serra do Sabugueiro. Pelo Poente e pelo N.

¹ [Este rio ou ribeiro tambem se chama *da Rebolga*.—J. L. de V.]

elevam-se os contrafortes da Serra do Alvão. Fecha a bacia pelo SE. um dos contrafortes da serra do Sabugueiro. Esta bacia mede de raio uns 500 metros. As antas avultam nesta região baixa, de pequeno

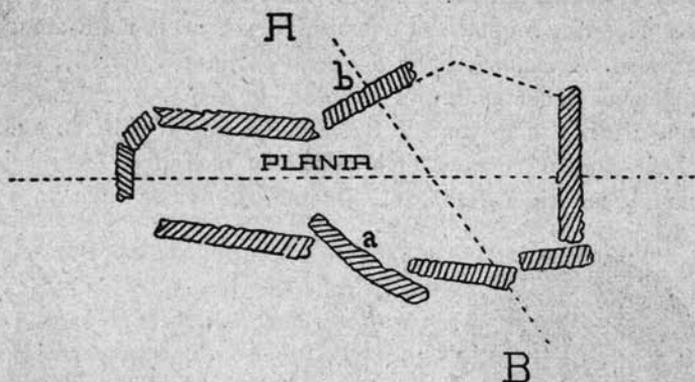


Fig. 80

relêvo, pelas mamôas que se elevam sobre o solo. São nesta região em numero de nove, estando oito na vertente direita do rio, e uma na esquerda. O solo superficial é formado por uma camada de terra vegetal, cuja espessura, junto do rio, é nalguns pontos 1^m,5. Inferiormente está uma camada de aluvião, formada por detritos de granito, e grandes calhaus rolados. Este deposito encontra-se nas margens do rio». Já me referi ás antas ou dolmens de Carrazedo nas *Religiões*, I, 254 e 328, e nO *Arch. Port.*, I, 358. No mesmo periodico tratou tambem do assunto o Rev.º Rafael Ródrigues: I, 36 sgs. e 346 sgs.

O Rev.º Rafael Rodrigues permittiu-me fazer algumas pesquisas nos dolmens que ele, com o S.º P.º Brenha, explorára: e fizemo-las, de facto, o que nos levou só um dia, e incompleto. No n.º 9 (reporto-me aos numeros que o S.º Rodrigues adoptou no citado volume dO *Arch. Port.*, p. 347 sgs.) achámos duas pedras de granito pequenas: uma é achatada, de secção eliptica (eixo maior 0^m,089), e tem as duas superficies poidas, como de moer: a outra, quebrada, é roliça, alongada e achatada, mede de comprimento 0^m,104, e tem nas superficies vestigios de ter servido de aguçadeira. Vid. figs. 76 e 77. O dolmen n.º 5 era ladrilhado, e por causa das excavações aí feitas pelo Rev.º Rodrigues e Brenha, tinha a camara quasi completamente des-



Fig. 81

truida, e o chapeu, ou tampa, atirado para o lado. Acêrca do n.º 7 tomou o S.^{or} Maximiano Apolinario os seguintes apontamentos: «Na camada de terra vegetal revolvida achou-se um machadinho e alguns restos de ceramica antiga. O solo primitivo que se encontra abaixo da camada de terra vegetal era constituído por areia solta amarela, de grão grosso. A camara tinha pequeno perimetro (6^m,15); os esteios (sete) apenas assentavam na camada de areia, e tinham tambem pequena altura; medi um, 1^m,50. Estava desprovida de chapeu, e da galeria apenas restava uma pedra ou encontro. Os esteios são de granito, galeria voltada ao Nascente. A mamoa rodeava o monu-



Fig. 82



Fig. 83



Fig. 84

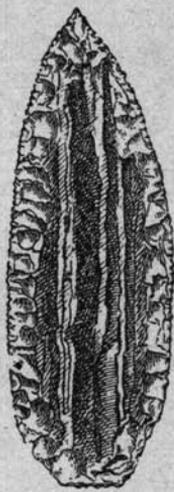


Fig. 85

mento até certa altura. O nivel na parte superior da mamoa, com relação ao esteio mais alto, é de 0^m,50». Achou-se aí tambem um rebôlo pequeno. Do machadinho dou um desenho na fig. 78, de tamanho natural. No dolmen n.º 4-A, já apenas com dois esteios, fig. 79, e vestígios de corredor, apareceu outro fragmento de vaso de barro, com um buraco. Acêrca da anta n.º 3 tomou o S.^{or} Maximiano Apolinario os seguintes apontamentos na sua carteira: «O esteio da cabeceira está colocado quasi verticalmente, inclinando-se levemente para dentro. Os dois laterais tem tambem pequena inclinação, e, como o primeiro, achavam-se cortados ou partidos. Os que formavam a entrada estavam inteiros. O dolmen não tinha chapéu, e os restos da mamôa acentuavam-se até ao nivel dos esteios partidos. A galeria formada de duas pedras compridas é fechada no topo por pedras pretas de esbarro, e de pequenas dimensões, no sentido vertical.

A espessura média das pedras é 0^m,20. Espessura da camada de terra vegetal que ocupava as galerias e a camara: 0^m,70. Os esteios internos subiam 0^m,90 acima do solo externo. Planta: fig. 80. Os esteios *a* e *b* tem de inclinação média 50°. Os da galeria estão postos a prumo. Raio da mamôa: 9^m,5». Nesta anta n.º 3 achou-se o seguinte: um objecto de granito, de fôrma de esfera achatada num dos polos até 1/3 do diametro, que é de 0^m,74 (deve ter servido de mó: rebôlo que se foi gastando com o atrito), vid. fig. 81; um percutor feito de um seixo rolado de 0^m,104 de comprimento, alongado e irregular (tem vestigios da percussão nos dois topos; um dos bordos está um pouco poído, de ter feito fricção) fig. 82; uma lamina de faca de silex branco, levemente encurvada, de 0^m,081 de comprimento, e de secção trapezoidal, fig. 83; outra lamina quasi inteira, menos encurvada que a anterior, mas da mesma rocha e fôrma com o comprimento de 0^m,085, fig. 84: uma folha de lança, de Calcedonia, com ponta nitida, e os bordos muito bem denteados, folha que mede 0^m,095 de comprimento, e é, neste genero, uma das mais belas peças do Museu, fig. 85.

Na Coitada da Rebolga, na margem direita da ribeira da Rebolga, ha uma anta pequena, só com tres esteios, e pouco elevada mamoa. N.º 11-A. Nada continha. Planta: fig. 86.



Fig. 86

*

Noticias várias que colhi na mesma ocasião:

Na «veiga» das Charnescas¹, ao pé das Arcas, ou dolmens de que acima se falou, appareceram fragmentos de telha de rebôrdo.

Ao pé de Biduêdo, frêguesia de Santa Marta (concelho de Vila-Pouca) ha, ao que me informaram, uma fraga chamada *da Pomba*, que «tem letras», e «tem uma pomba».

Sobre Lago-Bom, ao pé das Pedras Salgadas, ha um monte chamado *Os Castelos*, onde se vêem restos de alicerces de muralhas. Em tempos appareceram lá «espadas». Tudo «do tempo dos Mouros». — Colhi estas informações em Lago-Bom: referem-se evidentemente a um castro.

¹ Assim se diz. Certamente por *Charnecas*. Na lingua comum não ouvi este vocabulo, sómente no onomastico.

Em Cidadêlha, concelho de Vila-Pouca, ha outros «castelos», ao que me disseram. Talvez tambem um castro.

Sobre a aldeia de Bornes (Vila-Pouca) ha um monte chamado *Castelos*.— Outro castro?

A 1 kilometro *plus minus* de Biduêdo, frêguesia de Alvadia, concelho de Ribeira de Pena, ha um dolmen (falo tambem por informações).

Por cima do Murão, frêguesia da Cerva, do mesmo concelho de Ribeira de Pena, ha um *Alto dos Moiros* ou *Outeiro dos Moiros*, com uns calços ao redor; em cima é «praino», e tem varios *murgalhos de pedras* (monticulos). De certo um castro. Aí apareceram umas *caldeirêlhas* de metal com *dinheirêlho fraquêlho*, mas quem as achou sumiu-as.



Fig. 87



Fig. 88

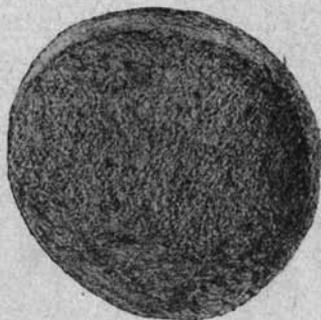


Fig. 89

Em Santa Olaia, frêguesia do Salvador, do mesmo concelho de Ribeira de Pena, ha outro *Alto dos Moiros*, onde apareceram em 1895 «umas contas de oiro», e uma «irgola», o que tudo foi vendido. O *Alto* deve ser um castro; a «irgola» seria um bracelete; as «contas» não sei o que seriam.

Em Carviçaes, concelho de Moncorvo, ha um sitio chamado Cigadonha (ou Cidadonha?), e aí um alto chamado *Castelo dos Moiros*, «com paredão em volta». Será castro? Ao pé do Castelo, em baixo, ha uma fraga «com um gato pintado».— O povo interpreta geralmente por figuras de animais, de partes do corpo humano, e de objectos caseiros, as excavações naturais ou artificiais (insculturas) que se notam em certos rochedos.

*

O S.^{or} P.^o Rafael Rodrigues possuia uma colecção de antigualhas prehistoricas na sua residencia (Telões), e teve a bondade de dar-

me algumas para o Museu, entre elas as seguintes que aqui copio: fig. 87, machado de diorite, de 0^m,098 de comprimento, secção subquadrangular, gume afiado, extremidade oposta ao gume curva, faces trapezoidais e bombeadas; fig. 88, metade de uma goiva, da mesma pedra, de 0^m,0515 de comprimento (creio que é esta a primeira goiva prehistorica, de que ha noticia, encontrada no Norte); fig. 89, seixo

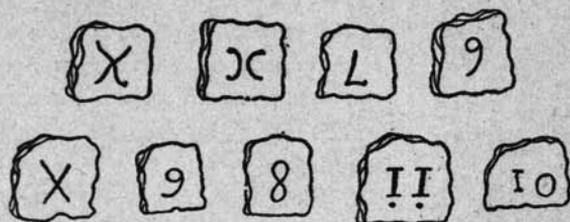


Fig. 90

rolado, de forma de rodela, com os bordos poidos, de se ter executado com a pedra fricção prolongada: diametro maior 0^m,67 (conheço na nossa arqueologia várias outras pedras d'este tipo).

De Vila-Pouca partimos para Chaves, aonde chegámos em 29 de Setembro.

*

Na ponte romana de Chaves copiei várias marcas de canteiro, que se vêem debaixo dos arcos, como: fig. 90. Elas mostram que a ponte foi emendada: de facto estão em pedras mais brancas, e mais novas; nas mais negras e mais velhas não vi marcas.

Em Bóveda copiei a inscrição que foi publicada na *Arch. Port.*, II, 130, e obtive metade de um machado paleolitico de silex, do qual já falei na *Hist. do Museu*, p. 132. Vid. figs. 91 e 91-a (perfil). Este fragmento de machado, que mede de comprido 0^m,131, e é, quanto sei, o primeiro instrumento paleolitico do Norte que se publica pela imprensa, foi-me oferecido pelo S.^{or} José Homem Pizarro, que



Fig. 91



Fig. 91-a

possua uma colecção archeologica em sua casa: machados de pedra, cossioiros de barro, pesos ou pondera da mesma substancia, um d'elles com uma marca de forma de 'X', etc.

Dizendo Argote que na Granjinha, arredores de Chaves, havia inscrições romanas (*Corpus*, II, 2472 e 2475), fui lá para as ver: já não as encontrei; em compensação encontrei duas pedras importantes, da mesma época: uma é o fragmento de uma estatua que representa Venus no banho, e estava dentro da capela de S. Silvestre; a outra estava servindo de degrau numa casa particular. Ambas estas pedras as reproduzirei noutro artigo.



Fig. 92

A capela de S. Silvestre constitue um bom espécime de architectura românica, e merece que a classifiquem como monumento nacional.

Noticias avulsas:

Ouvi dizer que na Serra do Boqueiro, frèguesia de Val d'Anta (concelho de Chaves), num sitio chamado Outeiro Machado, ha pedra que tem figuras esculpidas, tais como colhères, sertãs, etc.—O nome *Val d'Anta* tambem é, só por si, bástantemente evocativo de cousas do passado.

Informaram-me que ha um castro em Santa-Valha, concelho de Valpaços.—Incidentemente notarei que *Santa Valha* quer dizer *Santa Eulalia*, nome que deve ter sido (se não o é ainda) o da padroeira do lugar.

Tambem me constou que em Viade, numa calçada, havia «uma pedra antiga».

Todas estas noticias as colhi em Chaves.

*

Na fig. 92 vai reproduzido o peso de barro romano de Tomar (*Segunda Nabancia*) a que me referi supra p. 143.

78.—Carrascal (Leiria)

Em campos vizinhos do lugar do Carrascal, frèguesia de Santa Margarida (Leiria) apparecem «telhões grandes», e pesos de barro,—ao que me disseram. Tambem me disseram que no sitio das Colmeias, ao pé do referido lugar, ha pedras «com letras» (em terreno dos herdeiros de Maria Sutil).—Tomei estas notas em Dezembro de 1895.

79.—Senhora da Graça de Nisa

Dizem que a vila de Nisa fôra antigamente no monte da Senhora da Graça, onde ha uma capela, e onde apparecem ruinas (restos de casas, tijolos etc.). Ouvi isto em 1895.—Ha a respeito de Nisa uma obra intitulada *Historia de Nisa*, pelo D.^{or} Graça, 2 volumes.

80.—Mina de S. Domingos

Apareceu lá um aureo de Nero em cujo R se lê: CONCORDIA AVGVSTA.—Nota tomada em 1895.

81.—Covas da Adiça

Disseram-me (1895) que na serra da Adiça, perto do Caminho de Val de Vargo para Moura, havia grutas, chamadas «Covas da Adiça». Serão prehistoricas?

82.—Foz do Sabor

Ouvi dizer (1895) que na Foz do Sabor, na Castanheira, havia um dolmen derruido, e que ao pé havia uma pedra «com letras». Estas «letras» serão insculpturas prehistoricas?

83.—Torres Novas

Disseram-me (1895) que em Torres Novas, perto da igreja de S. Pedro, havia uma casa construida de poucos anos, a qual tinha uma soleira com uns «desenhos exquisitos».

84.—Gouveia

Segundo informações que colhi em 1895, ha ao pé de Gouveia, para quem vai pela estrada para a Serra, um penedo com «còvinhas».

85.—Atei

Consta-me que (1895) ao pé de Atei, concelho de Mondim de Basto, apparecem «cousas antigas» no monte dos Palhaços, e que em Vilar de Viande, no mesmo concelho, ha uma «citania».

86.—Anta de Val d'Asna

Na herdade de Val d'Asna, frèguesia de S. Romão, concelho de Montemór-o-Novo ha um alto «onde estão umas pedras a pino, a que chamam *Pedra d'Anta*».—Informação colhida em 1895.

87.—Anta de S. Brissos

Na frèguesia de S. Brissos (Montemór-o-Novo) ha uma herdade chamada «Anta», onde, ao que me disseram (1895), existe uma anta.

88.—Freixeda do Torrão

Disseram-me (1895) que na Freixeda do Torrão (concelho de Figueira de Castelo-Rodrigo) havia uma pedra com uma inscrição.

89.—Herdade de S. Domingos

Na herdade de S. Domingos, concelho de Alcacer do Sal, ha, ao que ouvi (1895), uma pedra «em que appareceu S. Domingos».

90.—Antas de Arraiolos

Disseram-me (1895) que ha algumas dezenas de antas nas seguintes herdades do concelho de Arraiolos: Claros-Montes (umas seis ou oito), Preta (várias), Azinheira de Ter (várias), e que tambem ha uma ao pé da herdade de Bate-Pé, que fica a duas legoas de Arraiolos.

91.—Anta furada?

Em 1896 informou-me uma pessoa, digna de todo o crédito, que na herdade de Santa Agueda, frèguesia de Odivelas, concelho de Ferreira do Alentejo, vira os esteios de uma anta, tirados do seu lugar, e que uma d'elles tinha um orificio. Os esteios eram de calcareo.

92.—Antigualhas dos arredores de Setubal

Notas tomadas em 1896, em companhia do S.^{or} Marques da Costa:

Em Alferrar ha restos romanos de casas, e ao pé apparecem pedaços de tegulas, de imbrices, de *opus Signinum*; tambem appareceu um pilar de marmore.

No sitio da Pena, NW. de Setubal, ha grutas. O S.^{or} Marques da Costa achára num campo vizinho um pedaço de chapão de lousa pre-historico, e ossos humanos.

No sitio da Fonte da Rotura, onde ha grutas, deu-me uma mulher um instrumento de pedra polida, e um pedaço de lousa, que talvez fizesse parte de um artefacto pre-historico.

Nas duas margens da ribeira da Ajuda ha restos de tanques romanos (cetárias), muitos fragmentos de *opus Signinum*, de potes de barro e de outros vasos.

Na Rasca, proximo da ribeira, ha igualmente cetárias.

Ás antiguidades de Alferrar se refere o S.^{or} Marques da Costa nO *Arch. Port.*, II, 10-11; ás da Pena e Rotura dedica no mesmo periodico, vol. VII a XV, um excelente trabalho, de que depois fez separata com o titulo de *Estações pre-historicas dos arredores de Setubal*, Lisboa 1910, volume de 145 paginas, com muitas estampas.

93.—Dolmen de Montabrão

D'este dolmen fala Carlos Ribeiro nos *Estudos Prehistoricos*, I, (1880), 9 sgs., onde lhe consagra belas páginas.—Tendo eu ido ao local em 1896, tomei os seguintes apontamentos:

O dolmen está ainda em parte soterrado, e de certo na primitiva foi todo coberto. O terreno é descampado, e nu de arvoredo; quasi bastava a acção atmospherica para esboroar a mamoa. A tampa acha-se tombada, apenas apoiada em alguns esteios: por isso os pastores, tapando as fendas com pedras miudas, ajeitaram aquele recanto do dolmen para fazerem uma *casinôla*¹ contra a chuva.—O povo chama ao dolmen *Casa dos Moiros*.

*

N. B.—Todos os desenhos, com excepção dos n.ºs 7 a 9, 11, 16, 19, 20, 46 a 48, 55 a 58, 76, 77, 81, 82, 87 a 89, e 92, foram feitos pelo Desenhador do Museu, Saavedra Machado, ou directamente dos objectos, quando existentes no Museu, ou por esbôços que eu trouxe das excursões. Os que tem os citados números foram feitos pelo preparador interino, Ruy Sedas Pacheco.

J. L. DE V.

**Medalha conferida pelo Príncipe Regente,
D. João, a dois italianos que salvaram a igreja e hospital
de Santo António dos Portuguezes, em Roma**

Da colecção iniciada por José Lamas

Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo: IOHAN · BRASIL · PRINCEPS LVSITAN · REGENS. Busto do Príncipe Regente, voltado de perfil para a direita, descoberto, com uma trança de cabelo caída para as costas e atada com um laço; com colarinho de renda, vestuário ornamentado, e manto, do qual apenas se vê uma parte em frente do peito, a tiracolo. No exergo, por baixo do corte do braço, a assinatura: G. HAMERANI || 1800.

¹ Esta *casinôla* (que não é forçoso se construa num dolmen, mas se pôde construir de pedras sôltas, em qualquer sitio) é do mesmo tipo da *casola*, de que falei na *Hist. do Museu*, p. 57. No Alentejo os pastores fazem contra a chuva um *abrigo*, com uma *cancela* e uma *pasta*, fabricadas de varas de alandro, piorno e palha ceiteia: a *pasta* encosta-se á *cancela*, e fôrma com ela angulo diedro, prolongando-se porém esta mais que a outra; o perfil ou côrte é assim: λ . Tanto a *casinôla* e *casola*, como o *abrigo*, reproduzem tipos primitivos de habitação. Os selvagens modernos oferecem tambem muitos exemplos.